



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA



# ALMANAQUE

## De Re-existências Negras Femininas

Recurso Pedagógico para o Ensino de História local



**ANDRÉIA MOREIRA DE SOUZA - AUTORA**  
**MARIZETE LUCINI - ORIENTADORA**

**PARIPIRANGA - 2026**

Trabalho realizado com o apoio da Coordenação de  
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)



# FICHA TÉCNICA

**Título da obra:** Almanaque de Re-existências negras femininas: Recurso pedagógico para o ensino de História Local

**Autora:** Andréia Moreira de Souza

**Orientadora:** Marizete Lucini

**Instituição:** Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE

**Linha de Pesquisa:** Saberes Históricos no Espaço Escolar

**Diagramação, capa e projeto gráfico:** Andréia Moreira de Souza

**Número de edição:** 1. ed.

**Número de páginas:** 58

**Formato:** PDF

**Ano:** 2026



**PROFHISTÓRIA**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM ENSINO DE HISTÓRIA





**AUTORA**

### **Andréia Moreira de Souza**

Sou uma mulher negra, mãe e esposa, que encontra no campo e na força da natureza a plenitude da vida. Minha trajetória é tecida entre o afago de Adustina, onde nasci, e o abraço de Paripiranga, onde atuo como professora antirracista por missão e compromisso. Luto diariamente contra o racismo, o classismo e a misoginia, e é essa mesma força que levo para a academia como espaço de resistência e produção de conhecimento. Minha trajetória na educação nasceu dos saberes da Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA) e floresceu na paixão pelos estudos de História na Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC). Como especialista em Ensino de História (UCAM), incomodam-me as histórias únicas. Mestranda em Ensino de História pela Universidade Federal de Sergipe (PROFHISTÓRIA/UFS), ampliei essa caminhada em 2025 por meio de um Mestrado Sanduíche na Universidade do Porto, em Portugal, pelo Programa Abdias Nascimento, conectando as experiências da sala de aula em Paripiranga (BA) aos diálogos acadêmicos internacionais. Com quase duas décadas de atuação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, compreendo o ensino como um permanente exercício de pesquisa e transformação social.



**ORIENTADORA**

### **Marizete Lucini**

Uma trajetória dedicada à educação, ao ensino de História e à promoção da interculturalidade, que atravessa fronteiras e territórios. Professora Associada da Universidade Federal de Sergipe (UFS), é licenciada em História pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e atuou como Professora Visitante na Universidade de Rovuma, em Moçambique. Coordena o projeto Construindo Comunidades Multiculturais para a Aprendizagem da Educação das Relações Étnico-Raciais, Diversidade e Inclusão, vinculado ao Programa Abdias Nascimento/CAPES. Na UFS, desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão nas áreas de Teoria do Currículo, Educação do Campo e Educação das Relações Étnico-Raciais. Orienta pesquisas de mestrado e doutorado no PPGED/UFS e no PROFHISTÓRIA, com foco em ensino de História, memória, interculturalidade e relações étnico-raciais. Lidera o Grupo de Pesquisa Educação, História e Interculturalidade e integra o grupo Educação, Cultura e Subjetividades, consolidando uma trajetória marcada pelo compromisso com a formação humana, a diversidade e a justiça social.

# APRESENTAÇÃO

O Almanaque de Re-existências Negras Femininas, focado na construção identitária da mulher negra nos movimentos comunitários de Paripiranga-Bahia, nasceu como proposta de Recurso Educacional Aberto (REA), requisito avaliativo que compõe a dissertação para o Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

A concepção deste almanaque finca raízes em memórias afetivas e familiares que me acompanham desde a infância. Essa memória foi atualizada pelo contato com o Almanaque do Aluá nº 2 (2006), material distribuído pelo Governo Federal em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que me despertou profundo encantamento. Outros almanaques também aguçaram minha curiosidade intelectual e tornaram-se fundamentais para a estruturação metodológica e estética deste projeto.

Este almanaque não pretende ser um manual, mas um material pedagógico que possa estar presente no cotidiano dos professores de História. Além disso, por sua abordagem interdisciplinar, espero que seja útil em diferentes áreas do conhecimento. Seu conteúdo debruça-se sobre as trajetórias de duas mulheres negras que lideram movimentos comunitários e sobre aspectos da história negra local historicamente invisibilizados, dialogando com outros saberes, memórias e formas de resistência.

Por meio deste trabalho, desejo conduzir cada leitor(a) a um mergulho na história do povo negro, das mulheres, das suas lutas e conquistas, e para a construção de suas identidades, com destaque para a realidade local, contribuindo para que professores e professoras atendam às Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Aproveito este espaço para expressar minha profunda gratidão à professora orientadora, Dra. Marizete Lucini, cuja sutileza no acompanhamento e na análise da escrita e do design foi essencial para a concretização deste material. Mais do que isso, ela é uma inspiração concreta de força, competência e protagonismo feminino.

Meu agradecimento especial também à Dona Sônia, da Associação Comunitária Rural da Quixaba e à Dona Irandi, da Associação Bordando Esperança da Roça Nova, que protagonizaram importantes vivências enquanto lideranças negras e que participaram ativamente desta pesquisa, contribuindo de forma genuína e afetiva para a construção deste almanaque.

Por fim, agradeço a CAPES pelo suporte financeiro, à Coordenação do ProfHistória e a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este material fosse confeccionado e apresentado de forma ética, lúdica e produtiva.

Andréia Moreira de Souza  
Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA  
Universidade Federal de Sergipe - UFS/SE  
Bolsista Capes  
Professora da Rede Municipal de Ensino - Paripiranga, BA

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>FUNDAMENTOS DO ALMANAQUE.....</b>	<b>6</b>
• DECRETO DA RESISTÊNCIA E MEMÓRIA .....	7
• ROTEIRO DE APLICABILIDADE PEDAGÓGICA DO ALMANAQUE.....	8
• OUTRAS AFROAPRESENTAÇÕES.....	11
• HISTÓRIA DOS ALMANAQUES: CIRCULAÇÃO DE SABERES E CULTURA POPULAR.....	12
<b>PARIPIRANGA: TERRITÓRIO, MEMÓRIA E NARRATIVAS.....</b>	<b>14</b>
• CORDELIZANDO PARIPIRANGA.....	15
• SITUANDO OS TERRITÓRIOS DA PESQUISA.....	16
• POPULAÇÃO NEGRA: PRESENÇA, INVISIBILIDADE E DISPUTA DE NARRATIVAS.....	17
• HQ - O SEGREDO DA TERRA VERMELHA: A HISTÓRIA QUE PARIPIRANGA NÃO NOS CONTOU.....	18
<b>LIDERANÇAS FEMININAS NEGRAS COMUNITÁRIAS LOCAIS .....</b>	<b>19</b>
• O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA LOCAL.....	20
• HQ - ENTRE ROÇA NOVA E QUIXABA: A FORÇA DO ASSOCIATIVISMO EM PARIPIRANGA....	21
• UBUNTU - EU SOU PORQUE NÓS SOMOS - IRANDI: DA ORALIDADE PARA A ESCRITA.....	22
• SABERES, ORALIDADE E LIDERANÇA DE DONA IRANDI .....	23
• CORDELIZANDO A VIDA: DONA IRANDI: MULHER, ARTE E RESISTÊNCIA .....	24
• BORDANDO ESPERANÇA: TECENDO AS TRAMAS DA VIDA COM FIOS DE AFETO E RESISTÊNCIA..	25
• BORDANDO ESPERANÇA: PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS COMUNITÁRIAS .....	26
• MACRAMÊ E ANCESTRALIDADE NEGRA: MEMÓRIA, ARTE E RESISTÊNCIA.....	27
• HQ - FIOS QUE ENSINAM O FUTURO, INFÂNCIA QUE ESCUTA O PASSADO.....	28
• UBUNTU - EU SOU PORQUE NÓS SOMOS - SÔNIA: DA ORALIDADE PARA A ESCRITA.....	29
• MEMÓRIA, ANCESTRALIDADE E LIDERANÇA DE DONA SÔNIA .....	30
• TERRA, TRABALHO E UNIÃO - A FORÇA FEMININA NEGRA EM MOVIMENTO RURAL.....	31
• CORDELIZANDO A VIDA - DONA SÔNIA: MULHER QUE SEMEIA RESISTÊNCIA .....	32
• PRODUZIR E RE-EXISTIR: PRÁTICAS DE EXPERIÊNCIAS COMUNITÁRIAS.....	33
• SALVAGUARDANDO O FUTURO: A MULHER GUARDIÃ DE SEMENTES CRIOULAS.....	34
• HQ - NA QUIXABA DE DONA SÔNIA A TERRA FALA.....	35
<b>MULHERES NEGRAS INSPIRADORAS E OUTRAS HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA..</b>	<b>36</b>
<b>PROPOSTAS PEDAGÓGICAS.....</b>	<b>48</b>
• PROPOSTA PEDAGÓGICA: SABERES, ORALIDADE E RESILIÊNCIA DE DONA SÔNIA.....	49
• PROPOSTA PEDAGÓGICA: SABERES, ORALIDADE E PRÁTICAS DE DONA IRANDI .....	51
• PROPOSTA PEDAGÓGICA: MOVIMENTO ASSOCIATIVISTA E RESISTÊNCIA LOCAL.....	53
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>



# FUNDAMENTOS DO ALMANAQUE

*“O que nos move a denunciar, o que  
nos move a lutar, a escrever, é a  
indignação...”*

*(Sueli Carneiro)*

# DECRETO DA RESISTÊNCIA E MEMÓRIA

## ART. I

Que se rasgue o véu da injustiça,  
Que se apague a sombra do preconceito.  
Não mais sofrerá racismo a pele que brilha,  
Pois somos todas esculpidas do mesmo barro,  
Forjadas na mesma chama do tempo.

## ART. II

Que se cale a voz da violência,  
Que se erga o canto da equidade.  
Pois as mulheres serão respeitadas,  
Suas vozes não mais sufocadas,  
Seus passos não mais presos ao medo.

## ART. III

Que os olhos do mundo enfim enxerguem,  
A grandeza produzida por mãos negras.  
Mulheres que moldam a vida,  
Que vivem o dia a dia com arte,  
Que carregam no peito a força ancestral.

## ART. IV

Que a história não seja esquecida,  
Que a cultura negra não seja apagada.  
Pois do berço africano nasceu a humanidade,  
E seu sangue corre em todas as veias,  
Em todas as línguas, em todos os corpos.

## ART. V

Que a resistência da mulher negra  
Seja cravada no tempo,  
Para que os que virão depois  
Saibam que a história é feita de muitas vozes,  
E nenhuma delas será silenciada.

Andréia Moreira de Souza

# ROTEIRO DE APLICABILIDADE PEDAGÓGICA DO ALMANAQUE

## 1. Apresentação do Roteiro

Este roteiro de aplicabilidade pedagógica foi elaborado para orientar professoras e professores na utilização do Almanaque de Re-existências Negras Femininas nos anos finais do Ensino Fundamental. Comprometido com um ensino de História voltado à valorização da história local, das memórias negras, da educação para as relações étnico-raciais e à efetivação das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008.

O almanaque não se apresenta como um manual fechado, mas como um dispositivo pedagógico flexível, capaz de ser adaptado às diversas dinâmicas escolares, aos tempos pedagógicos e às especificidades de cada instituição. Sua proposta transcende o ensino de História, abrangendo questões de identidade e memória de forma interdisciplinar. Ao incluir mulheres negras na historiografia e conferir visibilidade às suas atuações locais, o material permite que novos nomes e trajetórias sejam integrados ao ensino de forma articulada.

## 2. Fundamentação Legal e Pedagógica

O uso do almanaque dialoga diretamente com:

- Lei nº 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em toda a Educação Básica;
- Lei nº 11.645/2008 que amplia essa obrigatoriedade ao incluir a História e Cultura dos Povos Indígenas;
- Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – Especialmente no que se refere às competências gerais, à valorização da diversidade cultural, ao respeito aos direitos humanos e à construção de identidades;
- Educação das Relações Étnico-Raciais – Enquanto política educacional voltada ao enfrentamento do racismo estrutural e à promoção de uma educação antirracista e não misógina.

Este almanaque ancora-se em perspectivas decoloniais, interseccionais e afrocentradas, valorizando saberes da oralidade, da memória comunitária e das experiências vividas.

## 3. Público-Alvo

- Estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, preferencialmente do 8º ao 9º;
- Professoras(es) de História;
- Professoras(es) de componentes curriculares afins, em propostas interdisciplinares;
- Comunidade escolar.

## 4. Objetivos de Aprendizagem

#### 4.1 Objetivo Geral

- Utilizar o Almanaque de Re-existências Negras Femininas como recurso pedagógico para promover o ensino de História Local, fortalecendo a educação antirracista, a valorização da memória negra e o reconhecimento do protagonismo das mulheres negras nos processos históricos e comunitários, além de reforçar o combate à misoginia.

#### 4.2 Objetivos Específicos

- Reconhecer a presença histórica da população negra em Paripiranga-BA;
- Compreender o papel das mulheres negras como lideranças comunitárias e agentes históricas;
- Problematizar o racismo, o sexismo e as desigualdades sociais a partir da realidade local;
- Valorizar saberes da oralidade, da ancestralidade e da cultura africana, afro-indígena e afro-brasileira;
- Desenvolver o pensamento crítico, o sentimento de pertencimento e a consciência histórica dos estudantes.

#### 5. Possibilidades de uso em Sala de Aula

- O almanaque pode ser utilizado de diferentes formas, conforme os objetivos da(o) professora/professor:

##### 5.1 Leitura orientada e mediação pedagógica

- Mediação de leitura coletiva: exploração de linguagens plurais, como os cordéis e as Histórias em Quadrinhos (HQs);
- Círculos de diálogo: debates reflexivos sobre identidade, pertencimento, memória local e a atuação dos movimentos comunitários em Paripiranga;
- Análise de escrituras: leitura partilhada e interpretação das narrativas de vida das líderes comunitárias, Dona Sônia e Dona Irandi;
- Letramento conceitual: discussão e problematização de categorias-chave como resistência, re-existência, ancestralidade e matrigenese;
- Exploração de seções didáticas: leitura crítica das "afropresentações" presentes no material ("Citações", Nota biográfica", "Você sabia?", e "No meu lugar").

##### 5.2 Sequência didática curta

Sugestão para 6 horas-aula:

- Aula 1: Apresentação do Almanaque e sondagem dos conhecimentos prévios sobre as temáticas raciais e de gênero abordadas no material;
- Aula 2: Problematização da oralidade, dos saberes tradicionais e das escrituras comunitárias;
- Aula 3: Investigação da história local e da presença histórica da população negra no município de Paripiranga;
- Aula 4: Análise do protagonismo das mulheres negras e do associativismo comunitário a partir das lideranças locais;
- Aula 5: Oficina de produção autoral: criação de narrativas (cordéis, textos autobiográficos ou histórias em quadrinhos);
- Aula 6: Oficina de escrituras: incentivo para que os discentes inspirados no Almanaque, registrem as narrativas de mulheres negras que exercem liderança em suas próprias famílias, comunidades ou em outros espaços sociais.

### 5.3 Projetos interdisciplinares

O almanaque favorece práticas interdisciplinares, podendo articular-se com:

- Língua Portuguesa – Produção de cordéis, relatos, entrevistas e HQs;
- Geografia – Território, comunidade, campo e cidade, migração e trabalho;
- Artes – Ilustração, símbolos africanos, expressões corporais;
- Ensino Religioso – Diversidade religiosa, respeito às religiões de matriz africana;
- Identidade e Memória – Construção do pertencimento, valorização da ancestralidade, reconhecimento de si e do território a partir de uma filosofia de pertencimento e de valores afro-diaspóricos.

### 6. Metodologias sugeridas

- Roda de conversa;
- Leituras das temáticas e saberes apresentadas(os) no recurso pedagógico: o almanaque;
- Pesquisa de campo (entrevistas com mulheres da comunidade);
- Análise de fontes orais e imagéticas;
- Registro das memórias locais em um jornal, priorizando o protagonismo das trajetórias de mulheres negras da comunidade, mas acolhendo também as diversas histórias de vida e resistências de mulheres comunitárias associadas aos estudantes;
- Desenvolver jornais focados em “Biografias Comunitárias”, utilizando o Almanaque como base metodológica para registrar as vivências de mulheres negras e de outras lideranças locais.
- Criação de HQs biográficos de mulheres negras comunitárias e inspiradoras locais.

### 7. Avaliação

*A avaliação deve ocorrer de forma processual, formativa e emancipatória, considerando:*

- Envolvimento nas atividades propostas.
- Produções individuais e coletivas.
- Capacidade de reflexão crítica sobre as temáticas abordadas no almanaque.
- Não se recomenda avaliação meramente conteudista, mas sim aquela que valorize o processo de aprendizagem e a construção de sentidos.

### 8. Considerações Finais

O Almanaque de Re-existências Negras Femininas propõe um ensino de História comprometido com a justiça social, com a valorização da memória negra e com a construção de identidades positivas ancoradas no pertencimento territorial e ancestral. Seu uso em sala de aula contribui para romper silenciamentos históricos através de um ensino pautado na educação das relações étnico-raciais. Este roteiro pretende ser um convite à prática pedagógica, respeitando a autonomia docente e as especificidades de cada território escolar.

**OBSERVAÇÕES:** Com o objetivo de fortalecer o ensino e a aprendizagem sobre a cultura do povo negro, convidamos você a acessar, por meio do QR Code a seguir, o CALENDÁRIO AFRO e uma proposta pedagógica para sua aplicação em sala de aula. O trabalho com o calendário afro tem como finalidade possibilitar o conhecimento e a valorização de datas comemorativas relacionadas à população negra, buscando promover o reconhecimento das lutas, conquistas e suas resistências, possibilitando o estudo de acontecimentos históricos, processos de independência, bem como a valorização das trajetórias de personalidades negras em suas datas de nascimento e memória.



## OUTRAS AFROAPRESENTAÇÕES

Com o objetivo de valorizar as manifestações da cultura africana e afro-brasileira, este almanaque apresenta quadros temáticos intitulados "Outras Afroapresentações".

Distribuídos em boxes, esses conteúdos incluem "citações" em notas de rodapé e se complementam com os boxes da seção "Mulheres negras inspiradoras e outras histórias de resistência", composta pelos quadros "Nota biográfica", "Você Sabia?", "No meu Lugar" e "Dica de leitura".

De forma dinâmica e integrada, esses boxes exploram temas relacionados à literatura, à religiosidade, às artes, à política e à memória, além de refletirem sobre as trajetórias, as formas de resistência e as contribuições da população negra para a sociedade em contextos locais.

- **Citações:** As citações selecionadas, apresentadas no rodapé de cada página, reúnem pensamentos e ensinamentos de mulheres negras locais e de intelectuais e personalidades negras. Essas vozes evidenciam a sabedoria ancestral e contemporânea da população africana e afrodescendente e, no contexto de Paripiranga, ecoam as lutas e resistências comunitárias.
- **Nota biográfica:** Este box dedica-se a apresentar personalidades femininas negras que protagonizaram transformações na política, na literatura e na conquista de direitos coletivos em âmbito nacional e internacional. A proposta atua como uma estratégia de visibilização e sensibilização, destacando trajetórias femininas negras, cujas contribuições foram fundamentais para a afirmação da identidade negra.
- **Você sabia?:** Este box apresenta informações concisas e fatos pouco difundidos sobre a presença africana e afro-brasileira, conectando a história global ao contexto local. São quadros informativos que aproximam o leitor de fatos históricos, simbologias e práticas culturais frequentemente silenciadas pela historiografia oficial.
- **No meu lugar:** Focaliza a atuação da população negra e, fundamentalmente, o protagonismo das mulheres nas manifestações culturais da região, objetivando evidenciar a identidade paripiranguense. Esse box também integra narrativas sobre a cultura local e a coletividade, convertendo o registro histórico em um instrumento de reparação, reconhecimento e celebração da resistência negra no município.
- **Dica de leitura:** Conduz o leitor do almanaque a um encontro com obras de autoras negras e narrativas que priorizam o protagonismo e a re-existência feminina negra. Objetiva ainda instigar docentes e a comunidade escolar ao aprofundamento dos estudos sobre as relações étnico-raciais, consolidando-se como um subsídio para a educação antirracista ao oferecer referenciais que desafiam estereótipos discriminatórios.

**Observações:** Recomenda-se que o(a) professor(a) explore as citações presentes nas notas de rodapé de todas as páginas, promovendo momentos de leitura, reflexão e debate sobre os pensamentos, as experiências e os ensinamentos de mulheres negras e demais intelectuais da diáspora africana. Posteriormente, o aprofundamento dos conteúdos pode ser realizado por meio das seções apresentadas nas páginas 37 a 47, que reúnem os diferentes campos das Afroapresentações: Citações, Nota biográfica, Você sabia?, No meu lugar e Dica de leitura. Esses quadros possibilitam o desenvolvimento de atividades investigativas, rodas de conversa, produção textual, pesquisas, análise de fontes históricas e atividades interdisciplinares, favorecendo a valorização das histórias, memórias, saberes e contribuições da população negra em perspectivas locais e globais.

# HISTÓRIA DOS ALMANAQUES: CIRCULAÇÃO DE SABERES E CULTURA POPULAR

Segundo Jacques Le Goff (1996 *apud* Trizotti, 2008), os primeiros almanaques surgiram na Europa por volta de 1455. De acordo com informações do Almanaque do Aluá nº 2 (2006) a palavra “almanaque” vem do árabe *al-manakh* e significa “lugar onde o camelo se ajoelha para descanso e reabastecimento”. Acrescenta que essas publicações ampliaram sua circulação ao longo do século XVI, especialmente em aldeias da França e de Portugal, uma vez que, nessa época, as práticas de leitura e escrita eram restritas a poucos.

Os almanaques foram se consolidando como importantes veículos de circulação de saberes, reunindo conteúdos que abrangiam orientações religiosas, informações sobre astrologia, conselhos morais, humor, literatura, comércio, medicina, entre outros gêneros.

Naquele período, tornaram-se fontes de saber consultadas majoritariamente por mulheres, embora sua popularidade tenha se consolidado em toda a Europa entre os séculos XVII e XVIII.

Em solo brasileiro, essa tradição, que chegou no final do século XIX, manteve sua relevância até o século XX ganhando grande popularidade (Aluá nº 2, 2006). Para além do entretenimento, tais publicações funcionavam como ferramentas de comunicação oficial. Conforme registra Jadir de Moraes Pessoa (2018, p. 63), verificou-se “a partir do século XIX uma grande variedade de almanaques no Brasil”. Ao final desse século, a diversidade de títulos foi ampliada, tornando o almanaque como um dos pilares da cultura impressa nacional. Nesse cenário, no Nordeste brasileiro, o protagonismo coube ao Lunário Perpétuo. Durante séculos, esses impressos figuraram como um dos raros suportes de leitura acessíveis ao povo. Se no princípio eram restritos à nobreza e ao clero, a dinâmica mudou ao chegarem às zonas rurais. Ali, diante das barreiras de alfabetização, os exemplares eram compartilhados e lidos de forma coletiva. Suas páginas eram verdadeiros mosaicos de saberes: de regras de etiqueta e poesias a remédios caseiros, instruções e fases da lua.

O continente africano também foi um solo fértil para a circulação desses materiais, com destaque para o Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro, lançado em 1851. Como observa Ana Patrícia Peixinho Vicente Santos (2011), as mulheres africanas encontraram nessas páginas um território legítimo para a expressão escrita, ainda que o acesso oficial a esse espaço de autoria tenha ocorrido apenas uma década após o lançamento da publicação, em 1861.

A pesquisadora revela a formação de uma rede feminina de colaboradoras que conectava vozes de Benguela e Luanda (Angola), Lourenço Marques (Moçambique), Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e até a Cidade do Cabo.

Na perspectiva de Ricarda Musser (2019), a revista cabo-verdiana *A Esperança* (1901) - suplemento do Almanach Luso-Africano (1899) - foi um marco decisivo para conferir visibilidade às mulheres. Assim, o almanaque converteu-se em um dispositivo estratégico no qual a presença feminina desafiava as fronteiras coloniais e as imposições de gênero da época por meio da escrita e da circulação de saberes.

No Brasil, esses impressos, anuais em essência, forneciam o calendário religioso e civil, além de informações astronômicas sobre as fases da lua, estações e eventos climáticos que orientavam a agricultura e a pesca. A astrologia também ganhou popularidade através dos horóscopos e previsões. Para a população rural, as dicas de plantio, colheita e cuidados com os animais eram vitais para a subsistência, enquanto as notícias nacionais e internacionais conectavam o interior sertanejo ao restante do mundo.

A influência dessas obras na cultura nordestina é profunda e duradoura. Em Paripiranga, os almanaques eram comercializados na feira livre; os mais velhos narram que, nas barracas de venda, formavam-se aglomerações para ouvir as novidades lidas a “granel” (termo local para a leitura em boxes). Eram comum exemplares como o Almanaque Astral de João Bidu. Entre os títulos mais populares, destacaram-se o Almanaque do Nordeste, de Vicente Vitorino Melo, e o Almanaque Calendário Nordestino, de José Costa Leite, que circularam entre 1950 e a segunda década do século XXI.

Contudo, no contexto brasileiro os almanaques deixaram um legado fundamental para a cultura, atuando na difusão de valores, costumes e conhecimentos populares. Eram vistos como uma verdadeira bússola por camponeses, comerciantes, curandeiros, rezadeiras e curiosos leitores. Suas páginas serviam como um guia terapêutico, divulgando receitas de chás, pomadas e outros remédios para o tratamento de diversas enfermidades.

Para nós, do interior nordestino, essas publicações foram um dos principais meios de informação por mais de um século. Além de fortalecerem a identidade regional e preservarem a memória coletiva - transmitindo lendas e tradições de geração em geração, os almanaques impulsionaram a literatura popular. Eles inspiraram expressões artísticas como o cordel, as canções e os causos.

Atualmente, os almanaques mantêm a tradição de edições periódicas, mas expandiram-se para uma vasta pluralidade temática. Graças à sua versatilidade, ocupam hoje tanto o suporte impresso quanto as plataformas digitais, dialogando com a contemporaneidade sem abdicar de sua essência histórica. Assim, o almanaque permanece como uma ferramenta criativa e um relevante veículo informativo, capaz de articular saberes tradicionais e conhecimentos científicos.

#### FONTES:

- Almanaque do Aluá. Rio de Janeiro: Sapé, n. 2, 2006.
- Musser, Ricarda. A esperança: a leitura e a escrita de e para mulheres em Cabo Verde, 1901. **ex aequo**, n. 39, p. 23-38, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2019.39.02>. Acesso em: 19 ago. 2025.
- Pessoa, Jadir de Moraes. **Cultura popular: gestos de ensinar e aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- Santos, Ana Patrícia Peixinho Vicente. A mulher de África no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. **Navegações**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 204-207, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/navegacoes/article/view/10183>. Acesso em: 19 ago. 2025.
- Trizotti, Patrícia Trindade. Almanagues: história, contribuições e esquecimento. **Dialogus**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, 2008. Disponível em: [http://unimaua.br/comunicacao/publicacoes/dialogus/2008/pdf/almanagues\\_historia\\_contribuicoes\\_esquecimento\\_2008.pdf](http://unimaua.br/comunicacao/publicacoes/dialogus/2008/pdf/almanagues_historia_contribuicoes_esquecimento_2008.pdf). Acesso em: 28 jan. 2026.



# PARIPIRANGA: TERRITÓRIO, MEMÓRIA E NARRATIVAS

*Paripiranguidade é viver a cultura, preservar as raízes e demonstrar, com orgulho, o que é ser de Paripiranga. É reconhecer que cada detalhe da vida cotidiana carrega história, memória e identidade. Isso é pura Paripiranguidade.*

*Fonte: ASCOM (2026)*

FONTE: VILA COITÉ - FOTOGRAFIA CEDIDA POR DAIANE SANTOS (2026)

# CORDELIZANDO PARIPIRANGA

Paripiranga, terra antiga,  
De vermelha cor do chão,  
Mesmo sendo um território  
Do nordeste baiano, então,  
Com Sergipe faz fronteira  
Em laços de união.

No passado, esse lugar  
Malhada Vermelha, outrora;  
Solo rico e fértil  
Como a história aflora.  
Hoje essa terra querida,  
Cresce e se aprimora.

Esse lugar é terra  
De respeito, amor e zelo.  
Já foi Patrocínio do Coité,  
Como registra o seu roteiro.  
Hoje é Paripiranga querida,  
Símbolo de um povo ordeiro.

Foi terra de sesmeiro,  
Colonizador chegou,  
Expulsou povos Tapuias,  
Da terra se apropriou.  
Mas nossos gestos ficaram  
O saber que ele apagou.

Dos povos originários  
Herdamos nomes e costumes,  
Mesmo com tanta violência  
Que a história não resume.  
A cidade traz no corpo  
O que o silêncio assume.

O Rio Coité corria  
Como estrada natural,  
Recebia mercadoria  
Vinda do porto naval.  
Do Sergipe pra Bahia  
Era rota principal.

Malhada vira Vila Coité,  
E a vila cresce ligeiro,  
Com famílias abastadas  
Tomando chão brasileiro.  
Latifúndio se firmava  
Com poder verdadeiro.

Escolheram esse lugar  
Por ser mais alto o chão,  
Em altitude elevada  
De fresca localização  
Clima frio agradava  
Herança da colonização.

Paripiranga se encontra  
No Nordeste do sertão,  
Dentro do Polígono Seco,  
De sol forte e quente chão.  
Mas a terra é resistente  
E produz com devoção.

Milho e feijão são bandeiras  
Da força da agricultura,  
Mesmo em terra castigada  
O povo inventa fartura.  
O sertão se faz celeiro  
Com luta, fé e cultura.

Hoje a ciência olha o chão  
Com atenção e respeito,  
GMSE estuda as cavernas  
Guardam tempo perfeito.  
Paripiranga pode ser  
Ecoturismo de jeito.

Furnas da Roça Nova guarda  
Fóssil da pré-história,  
Cânions cortam a caatinga  
Desenhando outra memória.  
Cavernas ainda dormem  
Esperando nova história.

Rio Vaza Barris vangloria  
Com riachos cristalinos,  
Serras, nascentes e grutas  
Guardam magias e destinos.  
A natureza aqui fala  
Com vozes e ecos infindos.

A cidade se enfeita  
Com traço barroco antigo,  
Arquitetura do século  
Carrega ar europeu consigo.  
Religião moldou as formas  
Do templo ao casarão amigo.

A Procissão das Almas  
É fé que corta a madrugada,  
Desde mil oitocentos  
E oitenta e oito é celebrada.  
Meia-noite, rua em reza,  
Até a morte é abraçada.

Patrimônio do município,  
A fé caminha em silêncio,  
Vai da rua ao cemitério  
Num ato de pertencimento.  
Almas do purgatório  
Recebem luz e alento.

No mês de junho São Pedro  
Veste a cidade de chama,  
A vila coité se enche  
De forró, alegria e fama.  
Sagrado e profano juntos  
É um lindo panorama

É uma das maiores festas  
Do Nordeste em devoção,  
Atrai gente de todo canto  
Em dança, fé e canção.  
O povo celebra a vida  
No compasso do sertão.

Em novembro a Padroeira  
Move o povo em procissão,  
Mãe Senhora do Patrocínio  
Recebe amor e oração.  
Vem gente de todo lugar  
Por fé e tradição.

Paripiranga é a terra  
Da fabricação de fogos;  
Nos festejos ganha vida  
Entre luzes e adornos.  
Com alegria e muita fé,  
Mantém costumes vistosos.

A religião predominante  
É cristã, bem se sabe,  
Católicos e protestantes  
Dividem a mesma clave  
Outras crenças resistem,  
Mesmo quase à margem.

Terreiros seguem guardados  
Na beira da invisibilidade,  
Religiões de matriz vivem  
Entre fé e clandestinidade.  
Mas seguem firmes no chão.  
É raiz de ancestralidade.

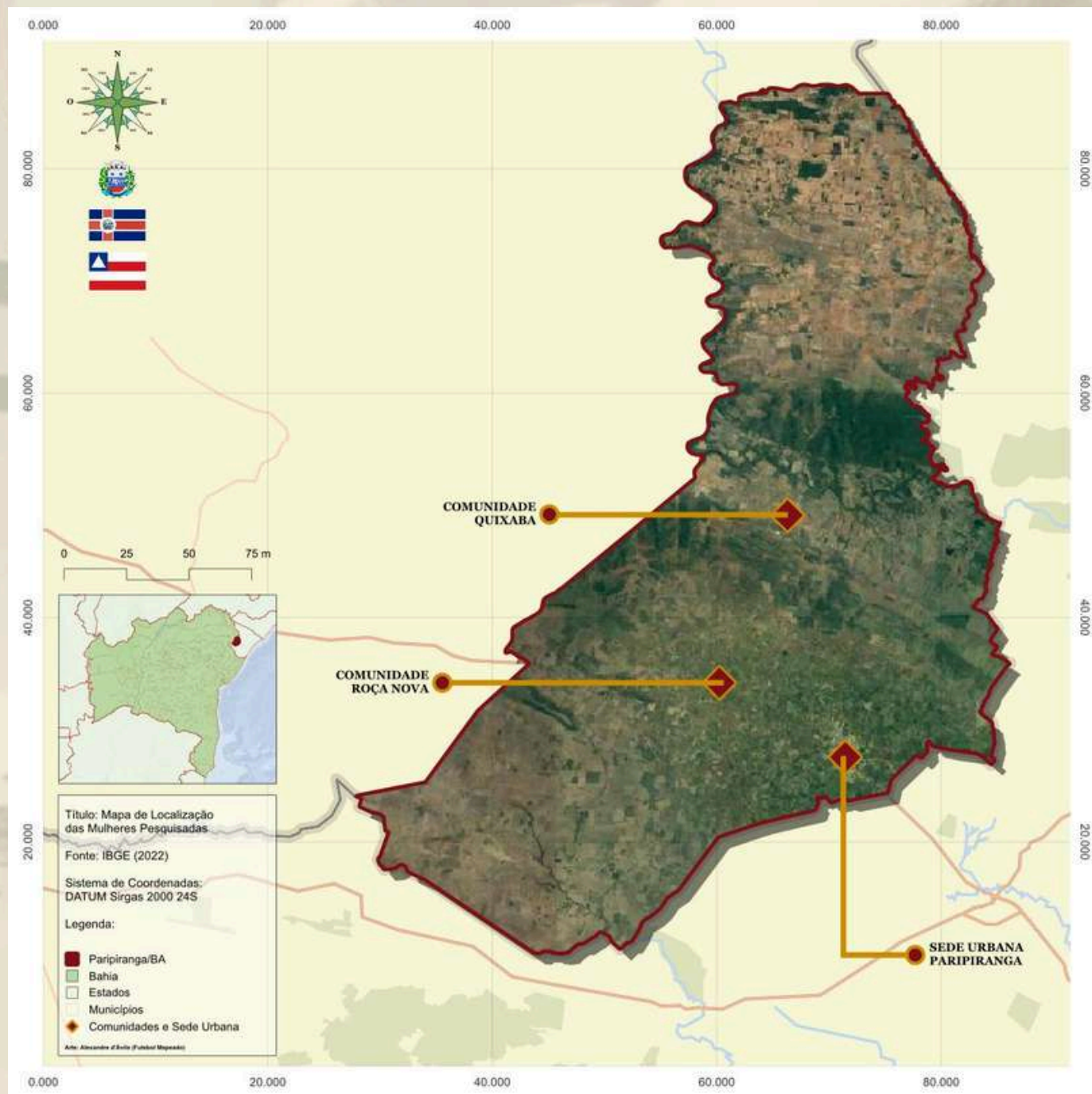
Paripiranga é cidade  
De elite e coronel,  
Mas também é chão negro  
De história forte e fiel.  
A cultura afro pulsa  
Mesmo negada no papel.

Está nas festas, no corpo,  
Na comida e no cantar,  
Na fé que mistura mundos  
Sem pedir pra se explicar.  
Paripiranga é encruzilhada  
De memórias a lutar.

AUTORIA: PROFESSORA ANDRÉIA MOREIRA

# SITUANDO OS TERRITÓRIOS DA PESQUISA

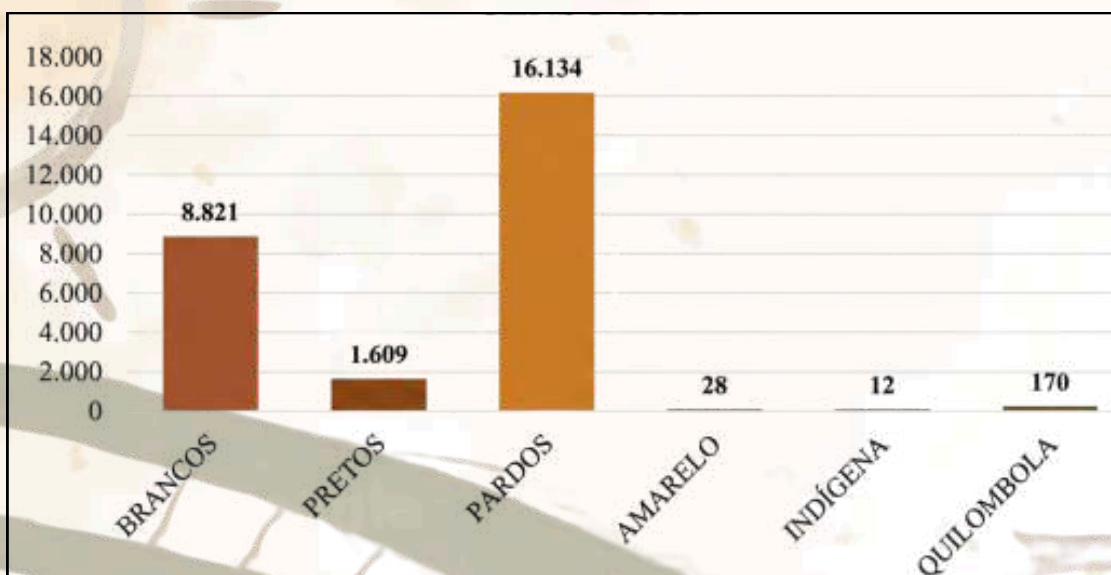
Mapa de Localização geográfica das mulheres pesquisadas



**Nota:** Mapa elaborado por Alexandre d'Ávila (Futebol Mapeado) para esta investigação, com base em dados do IBGE (2022). Apresenta a localização geográfica do lócus da pesquisa em Paripiranga-BA. Os pontos indicam a sede urbana e as comunidades rurais de Quixaba e Roça Nova, territórios de origem das mulheres pesquisadas.

# A POPULAÇÃO NEGRA: PRESENÇA, INVISIBILIDADE E DISPUTAS DE NARRATIVAS

Gráfico: População de Paripiranga-BA



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2022

A historiografia oficial de Paripiranga silencia uma realidade demográfica revelada pelo Censo 2022 (IBGE), no qual a população negra (17.743 entre pretos e pardos) constitui a maioria absoluta frente à população branca (8.821). Essa dissonância entre realidade demográfica e narrativa histórica reduz a experiência negra à servidão, apagando sua agência.

Embora a narrativa colonial atribua o progresso local a uma elite branca e cristã desde o século XVIII, a memória do trabalho e da cultura está intrinsecamente ligada à população escravizada.

Inventários de 1875 analisados por Carregosa (2019), como o do Engenho Coité, registram dezenas de pessoas escravizadas e provam que o sistema foi estrutural na região. O autor destaca ainda figuras como "Joana", mulher negra cuja presença sugere a ancestralidade de muitos paripiranguenses, e analisa escrituras de compra e de liberdade que exemplificam os processos de aquisição da escravizada Joana em 1871 (p. 40).

Diferente de visões que tentam suavizar o sistema escravocrata na região, o autor reconhece que a escravidão não foi um "vulto passageiro" em Paripiranga, apontando que a história local é impregnada por manifestações de forte presença africana.

Carregosa, destaca comunidades que preservam traços culturais quilombolas, como

Maria Correia, Mulungu da Lagoa Preta e Raso do Saco, redutos de ancestralidade e resistência. Ao analisar a obra de Cândido da Costa e Silva (2017), encontram-se fragmentos que instigam a valorização da ancestralidade religiosa negra. O autor destaca que a colonização veiculou a fé em um "código indecifrável de conceitos abstratos, sem levar em conta o lugar existencial do destinatário" (Silva, 2017, p. 25).

A resistência nessas terras manifestou-se na ocupação de espaços comunitários e religiosos. Mesmo diante da escassez de registros sobre os "troncos" familiares negros e da ausência de histórias destacadas em jornais ou documentos oficiais, a população negra manteve sua subjetividade através da matrigestão — conceito que, ao aliar a gestão do território à preservação da vida, permitiu que mulheres negras atuassem como lideranças silenciosas em terreiros e, de forma mais evidente, em grupos pertencentes à igreja cristã e associações, garantindo a re-existência de seus descendentes.

## FONTES:

- CARREGOSA, Antônio Santana. **Entre Padres e coronéis**: como as disputas oligárquicas deram forma ao município de Paripiranga. Aracaju: Infographics, 2019.
- SILVA, Cândido da Costa e. **Roteiro da vida e da morte**: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia. 2. ed. Salvador: Sagga, 2017.

# HQ - O SEGREDO DE TERRA VERMELHA: A HISTÓRIA QUE PARIPIRANGA NÃO CONTOU



Arte Produzida com auxílio de Inteligência Artificial (ChatGPT/OpenAI), a partir de concepção, roteiro e curadoria histórica da autora.

**Orientações:** Explore a leitura desta HQ para debater a invisibilidade da história negra local e discutir a ancestralidade a partir dos dados do Censo 2022 (IBGE) que inclusive revela presença de 170 pessoas quilombolas no município. Explore sobre o protagonismo político e cultural das pessoas negras e em especial das mulheres de Paripiranga.



# LIDERANÇAS FEMININAS NEGRAS COMUNITÁRIAS LOCAIS

**“A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, mas sim para incomodá-los em seus sonhos injustos.”**

**(Becos da Memória, Evaristo)**

# O PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA LOCAL

Historicamente, em uma realidade nacional e global, observa-se um silenciamento estrutural e um apagamento do protagonismo negro nas narrativas oficiais. No que tange às experiências e à participação social das mulheres negras como forma de resistência, persistem barreiras que extrapolam a questão racial, alcançando as estruturas de gênero e de classe, como bem teoriza Lélia Gonzalez (1988). Nesta perspectiva, ao mergulhar no estudo das produções literárias locais, percebemos que a representação tradicional da mulher apaga as vivências femininas atravessadas pela cor da pele e pela luta cotidiana.

Conforme assevera Carneiro (2011), a mulher negra vive sob o impacto do binômio racismo/sexismo, o qual produz uma espécie de “asfixia social” com efeitos negativos em todas as dimensões da vida.

Nesse contexto, ainda que a pobreza tenha atingido diferentes grupos étnicos nas terras vermelhas paripiranguenses, sua incidência recai de maneira mais dura e sistemática sobre a população negra. A mulher negra, nesse contexto, sofre as consequências acumuladas dessa desigualdade social, permanecendo invisibilizada nos registros históricos de Paripiranga.

Nas literaturas locais onde a população negra é retratada, ela aparece sob o peso da dominação colonial. Nesse cenário, o homem negro é frequentemente reduzido à condição de “escravo”, enquanto a mulher é descrita apenas como “escrava”, subtraindo-se dela sua subjetividade, sua história e sua agência. Pouco se menciona sobre suas redes de solidariedade, suas formas de resistência e seus saberes ancestrais.

Entretanto, as mulheres sempre exerceram papéis fundamentais na história política, cultural, econômica e social de Paripiranga. Mulheres negras, no passado, protagonizaram momentos cruciais no desenvolvimento comunitário do lugar e, atualmente, novas histórias estão sendo escritas para reconhecer o povo negro - e especialmente a mulher negra - como sujeito(a) ativo(a) na construção da memória local.

Ressalta-se que esse movimento de gênero e raça manifesta-se em espaços de matriz africana, grupos comunitários e religiosos, onde essas mulheres atuam como “matrigestoras” dos territórios que ocupam.

Tal conceito, fundamentado por Katiúscia Ribeiro (2021), evidencia que a gestão dessas mulheres ultrapassa a lógica ocidental de liderança; trata-se de uma “matripotência” que organiza a vida coletiva a partir de valores civilizatórios africanos, onde o cuidado, a espiritualidade e a manutenção da comunidade são os eixos centrais da resistência e da governança territorial.

Atualmente, destacam-se produções contemporâneas que objetivam dar voz a memórias subalternizadas. Exemplo disso é o memorial de Bárbara Luana de Menezes, “SerTão mulher, a saga das Marias” (2023), que abrange as mulheres sertanejas em sua diversidade étnica, revelando saberes ancestrais que fortalecem a identidade de mulheres pobres e negras interioranas, espaço no qual a autora propõe uma metodologia que converge com os saberes da oralidade, visando romper o ciclo da pobreza intelectual (Menezes, 2023).

Em diálogo direto com essa proposta, encontra-se o “Sertão Maria – Memorial digital da mulher sertaneja: oralidade, memória e ancestralidade”, com curadoria de Ana Maria Ferreira. Trata-se de um espaço de salvaguarda, visibilidade e valorização das trajetórias de muitas mulheres que em Paripiranga construíram uma vivência histórica. Assim, esse memorial atua como um repositório estratégico para a preservação de identidades e resistências femininas locais.

Logo, o processo histórico de luta da mulher negra, iniciado no continente africano e reconfigurado pela travessia diaspórica, manifesta-se no Brasil e ecoa na região da Malhada Vermelha, atual Paripiranga. Essa ancestralidade subverte as narrativas dominantes e ganha corpo nas trajetórias de mulheres contemporâneas, como Dona Sônia e Dona Irandi, fontes fundamentais para esta pesquisa. Em suas vozes, gestos e práticas comunitárias reverberam as experiências de tantas outras mulheres e lideranças negras locais.

## FONTES:

- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- GONZALEZ, Lélia. **As amefricanas do Brasil e sua militância**. Maioria Falante, Rio de Janeiro, v. 7, p. 70-71. maio/jun. 1988.
- MENEZES, Luana Bárbara. **Sertão Mulher, a saga das Marias**: um estudo sobre a mediação cultural no semiárido baiano. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes da Cena) - Escola Superior de Artes Célia Helena. São Paulo: 2023.

# HQ - ENTRE ROÇA NOVA E QUIXABA: A FORÇA DO ASSOCIATIVISMO EM PARIPIRANGA



Arte Produzida com auxílio de Inteligência Artificial (ChatGPT/OpenAI), a partir de concepção, roteiro e curadoria histórica da autora.

**Orientações:** Promova uma pesquisa sobre o FUMAC (Fundo Municipal de Apoio Comunitário) e sua contribuição para o fortalecimento das associações comunitárias em Paripiranga. Incentive os estudantes a identificarem programas de apoio à agricultura familiar e reflitam sobre o protagonismo das mulheres nas organizações comunitárias e no desenvolvimento rural.

# UBUNTU

**EU SOU PORQUE NÓS SOMOS**

## IRANDI: DA ORALIDADE PARA A ESCRITA

“

**FALOU EM  
AJUDAR, EU  
ESTOU  
PRONTA!**

DONA IRANDI (2025)



Foto: Acervo da autora

Ao observar Dona Irandi, percebe-se de imediato a força que habita nessa mulher interiorana e negra, forjada no chão da roça, no fazer artesanal, na luta e na resistência. Seu corpo carrega saberes antigos; sua voz, quando ecoa, não fala só por si, mas ressoa a presença da avó, da mãe e de todas as mulheres que vieram antes e as que ainda virão. Há nela uma sabedoria que não se aprende nos livros, mas no gesto repetido das mãos e no bordado que costura, com a mesma linha, a vida, a dor e a esperança.

Dona Irandi aprendeu com as mais velhas e, com o mesmo cuidado, transmitiu esse legado à filha, à neta e a tantas outras mulheres da comunidade. Ela ensina não apenas o ponto do bordado, mas o ponto da existência: a partilha, o cuidado com o próximo e o compromisso inabalável com o bem coletivo. Sua liderança não se impõe pelo poder, mas se constrói no ouvir atento, no caminhar junto e na presença constante nas causas sociais que atravessam o cotidiano da comunidade.

Sua essência revela uma força que brota do corpo e da voz. Um corpo que trabalha, sente e resiste; uma voz que acolhe, orienta e convoca todas as mulheres à esperança e à luta pela realização. Conhecer sua trajetória é entrar em contato com fragmentos de muitas outras vozes silenciadas pela história, mas que seguem vivas em sua sabedoria.

A fala de Dona Irandi não é uma exceção: é continuidade, herança. É a pura expressão de uma escrevivência coletiva.

**Orientações:** A partir da leitura do texto, proponha uma roda de conversa sobre o significado de Ubuntu e a importância do coletivo. Convide os estudantes a compartilharem experiências de ajuda, solidariedade e vida em comunidade. Finalize com a construção de um painel ou produção escrita representando o “eu sou porque nós somos”.

# SABERES, ORALIDADE E LIDERANÇA DE DONA IRANDI



Foto: Acervo da autora

Irandi Teles Oliveira

“ Ser líder é saber ouvir e caminhar junto com o povo.

Dona Irandi (2025)

## Com a palavra, a protagonista!

“O que eu puder fazer para ajudar o próximo, eu estou pronta.”

“A gente não pode desistir dos sonhos, mesmo que demore, um dia eles se realizam.”

“O bordado para mim não é só um trabalho, é uma terapia, é onde a gente coloca a nossa esperança.”

“Tem dia que a gente está triste, mas quando pega no bastidor, parece que o mundo muda. A gente borda a alegria por cima da tristeza.”

“Ser líder é saber ouvir e caminhar junto com o povo.”

“A associação é um braço forte para a gente, porque se não for a associação, a gente não tem como... como se diz? Como a gente se manter unido, né?”

“Eu aprendi com a minha mãe e hoje eu passo para as outras. É uma riqueza que a gente tem nas mãos e não pode deixar morrer. O bordado conta a nossa história.”

“Ser da roça e ser bordadeira é um orgulho. A gente mostra que do interior também sai coisa bonita, coisa de valor que o mundo precisa ver.”

“O que eu quero é ver essa juventude valorizando o que é nosso. Que eles vejam que o trabalho da mão da gente tem um valor que dinheiro nenhum paga, que é o valor da nossa dedicação.”

**Orientações:** A partir da leitura do texto (falas de Dona Irandi) e de uma reflexão sobre elas, proponha uma roda de conversa sobre o significado de Ubuntu e a importância do coletivo. Convide os estudantes a compartilharem experiências de ajuda, solidariedade e vida em comunidade. Finalize com a construção de um painel ou produção escrita representando o “eu sou porque nós somos”.

# CORDELIZANDO A VIDA



Fonte: Acervo da autora

IRANDI OLIVEIRA TELES

## DONA IRANDI: MULHER, ARTE E RESISTÊNCIA

Autoria: Professora Andréia Moreira

### Orientações:

Realize a leitura coletiva do cordel, explorando ritmo, entonação e expressividade. Convide os estudantes a identificarem elementos da vida, cultura e resistência presentes no texto. Proponha a criação de pequenos cordéis inspirados em pessoas ou histórias da comunidade.

NAS MATAS DE PARIPIRANGA,  
ENTRE DESAFIOS E POESIA,  
NASCEU DONA IRANDI,  
COM CORAGEM E ALEGRIA  
FILHA DE SEU MANOEL, LAVRADOR  
E DE DONA ISABEL, FAROL QUE A GUIA,  
CRESCER FORTE NO EMBALO DA VIDA,  
NO CALOR DO TEMPO QUE DESAFIA.

EM ALEGRES DEU SEUS PASSOS,  
MAS A INFÂNCIA FOI DOLORIDA:  
PERDEU O PAI AINDA CEDO,  
NA TRAVESSIA DA VIDA.  
MESMO COM A DOR NA BAGAGEM,  
NÃO PAROU DE CAMINHAR,  
FEZ DA LUTA UM APRENDIZADO,  
FEZ DO SONHO O SEU LUGAR.

CASOU-SE, FOI MÃE ATENTA,  
COM QUATRO FILHOS A EDUCAR,  
NA LIDA COM A AGRICULTURA,  
FEZ DA TERRA, SEU SUSTENTAR.  
COM AS MÃOS BORDAVA ESPERANÇA,  
COM RETALHOS E ATENÇÃO,  
TRANSFORMAVA O POUCO EM AFETO,  
ENTRE LINHA, PONTO E EMOÇÃO.

NA ROÇA NOVA PLANTOU  
SEU DESTINO COM CUIDADO,  
SE FEZ UMA MULHER DE VALOR,  
COM SEU SONHO ENRAIZADO.  
COM A QUARTA SÉRIE ESTUDADA  
E O SABER DA VIDA NA MÃO,  
JUNTOU-SE A OUTRAS GUERREIRAS  
E FUNDARAM UMA ASSOCIAÇÃO.

"BORDANDO ESPERANÇA" NASCEU  
COMO QUEM FIA A LIBERDADE:  
FIOS FORAM VIRANDO HORIZONTES  
NA COSTURA DA VONTADE.  
IRANDI, À FRENTE É FIRME,  
TRAZ TERNURA COM PULSO FORTE,  
GUIA COM SABEDORIA  
ESSE POVO QUE TEM SORTE.

MULHER NEGRA, NORDESTINA,  
DE RAIZ E CORAÇÃO,  
QUER VER A VOZ DAS AMIGAS  
SE ESPALHAR POR ESTA NAÇÃO.  
SEU SONHO É VER FLORIR  
ENTRE AS MULHERES, A UNIÃO  
E QUE A LUTA QUE ELAS TRAVAM  
ECOE EM VERSOS TODA MISSÃO.

NA ROÇA NOVA, O CHÃO VIBRA  
COM AS MÃOS DO AGRICULTOR,  
TERRA FÉRTIL DE PRODUÇÃO FARTA,  
POVO FORTE, TRABALHADOR.  
É DO CAMPO QUE TIRAM VIDA,  
COM SUOR, FÉ E VALOR,  
E ENTRE COLHEITAS E ENCONTROS,  
DONA IRANDI SEMEIA AMOR.

COM COERÊNCIA LEVANTA A VOZ,  
NÃO SE CANSA DE LUTAR,  
QUER VER MULHERES DE PÉ,  
PRA SONHAR E PROSPERAR  
DEIXAR SEMENTE PRO FUTURO,  
ATO DE RESISTÊNCIA ESPALHA,  
DE DENTRO DA ASSOCIAÇÃO,  
TODA FORÇA QUE NOS EMBALA.

SALVE A ASSOCIAÇÃO  
QUE BORDA ESPERANÇA  
REUNINDO MUITAS MULHERES  
QUE PRODUZEM EM ALIANÇA  
TECENDO FIOS DE VIDA  
ENSINANDO AS CRIANÇAS  
QUE NO FUTURO SABERÃO  
O VALOR DA PERSEVERANÇA.

SALVE DONA IRANDI TELES,  
QUE BORDA O TEMPO COM DOÇURA!  
É EXEMPLO DE CUIDADO,  
DE TRABALHO E DE TERNURA.  
SALVE MULHERES ARTESÃS  
QUE COM IRANDI, ACREDITAM  
COM RESILIÊNCIA E ATENÇÃO,  
NA MAIS BONITA CRIAÇÃO.

# BORDANDO ESPERANÇA

## TECENDO AS TRAMAS DA VIDA COM FIOS DE AFETO E RESISTÊNCIA

Imagem cedida por D. Irandi para a autora



SLOGAN DO PERFIL DO INSTAGRAM



Imagem: Acervo da autora

PLACA NA SEDE DA ASSOCIAÇÃO

## A ASSOCIAÇÃO

A Associação Bordando Esperança é um exemplo de sucesso de um “grupo de mulheres bordadeiras” da Comunidade Roça Nova em Paripiranga-BA, que se uniram para realizar um sonho em comum.

A história da Associação teve seu início em 2013, quando a então presidente, Dona Irandi, uma mulher negra, de origem interiorana, notável artesã, bordadeira e costureira, convidou um seleto grupo de amigas para constituir uma associação exclusivamente feminina.

O propósito, fundamentalmente, era criar um ambiente onde pudessem colaborar, intercambiar saberes e experiências, e produzir peças de artesanato de elevada qualidade. O objetivo, portanto, ia além da geração de renda suplementar; visava-se também a perpetuação da arte como legado para a comunidade e o município, contribuindo, de modo particular, para a formação das futuras gerações.

Desde sua origem, a associação é composta unicamente por mulheres artesãs que dominam diversas técnicas, como crochê, macramê, bordado e costura. Cada uma delas agrega suas habilidades e conhecimentos, e, em conjunto, confeccionam peças criativas e autênticas que refletem a cultura local e a ancestralidade individual. Importante ressaltar que cada peça é meticulosamente elaborada por diversas artesãs, assegurando, assim, a qualidade e a riqueza de seus detalhes.

**Orientações:** Realize a leitura do texto e identifique o papel da associação na vida da comunidade. Promova um debate sobre a importância da organização coletiva no campo e na luta por direitos. Proponha que os estudantes investiguem ou registrem iniciativas comunitárias existentes em sua realidade.

### CONHEÇA ESSA HISTÓRIA



@BORDANDOESPERANCA

QR CODE DE ACESSO AO  
INSTAGRAM DA ASSOCIAÇÃO  
BORDANDO ESPERANÇA DA  
ROÇA NOVA



QR CODE DE ACESSO AO SITE  
DA ASSOCIAÇÃO

# BORDANDO ESPERANÇA

## PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS COMUNITÁRIAS

Foto feita pela autora



TOALHA PRODUZIDA COM BORDADO, CROCHÊ E MACRAMÊ

Imagem extraída do instagram da associação



EXPOSIÇÕES EM FEIRAS ESPECIAIS - FESTA DO MILHO, ESPAÇO VILA COITÉ

Imagem extraída do instagram da associação



ENCONTROS DE PRODUÇÃO SEMANAL

Foto feita pela autora



OFICINAS PARA ENSINO

Foto feita pela autora



ENCONTROS DE PRODUÇÃO SEMANAL

Foto feita pela autora



OFICINAS E PONTO DE VISITA

**Orientações:** Observe as imagens e identifique as diferentes práticas comunitárias e produtivas apresentadas. Converse com a turma sobre o valor do trabalho coletivo e dos saberes manuais na comunidade. Proponha uma atividade prática (oficina, desenho ou relato) inspirada nas produções apresentadas.

# MACRAMÊ E ANCESTRALIDADE NEGRA

## MEMÓRIA, ARTE E RESISTÊNCIA

### A arte dos nós

A história do macramê remonta aos tempos antigos, atravessando séculos e civilizações. Embora registros arqueológicos apontem a presença de nós decorativos em esculturas babilônicas e assírias no século XIII, é na cultura árabe que o macramê se afirma como arte cotidiana. A palavra tem raízes no termo árabe *"migrahah"*, que significa *"franja"*, aludindo a franjas e adornos têxteis utilizados na ornamentação de tecidos e objetos do cotidiano (Wikipedia).

A expansão do macramê acompanhou os movimentos de conquista e colonização. Levado da Península Arábica ao norte da África, e de lá para a Espanha pelos mouros, se espalhou pela Europa nos séculos XVII e XVIII. Tornou-se símbolo de refinamento entre os europeus.

De acordo com Michele Freitas (2023) "a origem exata do macramê é desconhecida, mas acredita-se que tenha se desenvolvido em várias partes do mundo ao longo da história."

Contudo, o que poucos reconhecem é que a arte de trançar fios e criar nós já era ancestral entre os povos africanos, muito antes da Europa. Nas culturas africanas, trançar é um ato de organização simbólica da vida. O entrelaçamento dos fios é similar ao entrelaçamento de histórias, linhagens e cosmovisões.

No contexto afro-brasileiro, os saberes do macramê ecoam práticas herdadas de mulheres africanas escravizadas que, mesmo sob o jugo colonial, preservaram suas técnicas de trançado em redes, adereços, acessórios e utensílios. Esses saberes sobreviveram nos terreiros, nas feiras populares, nos quintais e nas mãos que aprenderam com outras mãos.

Entre os séculos XV a XIX, marinheiros europeus também ajudaram a difundir a técnica nos portos do mundo. Eles praticavam o macramê a bordo para criar objetos utilitários como cintos, bolsas e redes.

Contudo, seu retorno recente, com força no século XXI, se dá pela valorização do feito à mão, do artesanal e, sobretudo, pela revalorização dos saberes ancestrais africanos e afrodescendentes.

Hoje, o macramê é novamente trançado por mulheres negras periféricas, artistas da diáspora e educadoras culturais como ato de re-existência. Arte que se entrelaça à luta pela valorização da cultura ancestral e pela autonomia econômica. Nos nós do macramê, vive a memória de nossas mais velhas, que com as mãos, criaram mundos.

De acordo com Dona Irandi, em Paripiranga, a primeira mulher a produzir macramê a que se tem notícia foi sua mãe. Ela trouxe de São Paulo uma peça há 50 anos, e que ao chegar aqui, ensinou para várias mulheres a arte de fazer nós com fios de linha, difundindo assim essa arte ancestral e repleta de histórias e memórias para tantas mulheres.

#### FONTES:

- FREITAS, Michele. A origem do macramê. Ateliê Michele Freitas, 24 fev. 2023. Disponível em: <https://www.ateliemichelefreytas.com.br/blog/1305-a-origem-do-macrame>. Acesso em: 19 ago. 2025.
- WIKIPÉDIA. Macramé. Wikipédia: a enciclopédia livre, [s. d.]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Macram%C3%A9>. Acesso em: 19 ago. 2025.

Foto da autora



MACRAMÊ EM BARRA DE TOALHA  
ASSOCIAÇÃO BORDANDO ESPERANÇA

Foto da autora



MACRAMÊ - PRODUÇÃO ARTESANAL  
ASSOCIAÇÃO BORDANDO ESPERANÇA

Imagem extraída da internet



CORTINAS DECORATIVAS

**Orientações:** Realize a leitura do texto, destacando as origens históricas e ancestrais do macramê. Promova uma reflexão sobre os saberes africanos e afro-brasileiros presentes nas práticas manuais. Proponha uma atividade prática ou simbólica (nós, desenhos ou criação) relacionando memória, identidade e ancestralidade.

# HQ - FIOS QUE ENSINAM O FUTURO, INFÂNCIA QUE ESCUTA O PASSADO



Ilustração produzida com auxílio de Inteligência Artificial (ChatGPT/OpenAI), a partir de concepção, roteiro textual e curadoria histórica da autora.

**Orientações:** Realize a leitura da história em quadinhos, destacando o papel da mulher negra na transmissão de saberes e tradições. Promova uma conversa sobre a importância das mulheres negras na preservação da memória, da cultura e da resistência. Proponha que os estudantes registrem, em desenho ou escrita, ensinamentos de mulheres de suas famílias ou comunidade.

# UBUNTU

EU SOU PORQUE NÓS SOMOS

## SÔNIA: DA ORALIDADE PARA A ESCRITA

“SE NÃO FOSSE  
A COMUNIDADE  
JUNTA, NADA  
DISSO TERIA  
ACONTECIDO.

Dona Sônia (2025)



Acervo Sertão Vivo - Morkay  
Adaptação: cabeças e rostos das  
crianças borradas(os)

CINEMA NO CENTRO CULTURAL DA ASSOCIAÇÃO

Na voz de Dona Sônia, emerge a força de uma mulher negra cuja trajetória se confunde com a própria transformação da comunidade. Sua fala revela uma liderança construída no coletivo: *nada foi feito sozinha, tudo nasceu da união, de uma associação forte, da equipe e do povo caminhando junto* (Sônia, 2025). Para ela, a riqueza verdadeira não se mede em dinheiro, mas na evolução da comunidade, antes carente e invisível, hoje fortalecida pela organização e pela participação ativa da comunidade.

Dona Sônia aborda com firmeza o lugar da mulher no mundo. Não admite nenhum tipo de violência, acredita que a mulher pode chegar onde quiser e sustenta sua caminhada na coragem e na educação, força que, segundo ela, transforma vidas e também a transformou. Sua postura firme diante dos desafios reflete uma liderança que não se dobra, mas escuta, dialoga e segue adiante.

Muito do que é, Dona Sônia reconhece como herança da mãe, Gertrudes: a liderança, a positividade, a religiosidade, o acolhimento e a solidariedade. Ela faz convocação aos mais jovens a participarem e continuarem o legado reafirmando que sua história não é individual, é coletiva, ancestral e viva. Sua voz carrega memória, resistência e compromisso com o futuro.

**Orientações:** Realize a leitura do texto, destacando a trajetória de Dona Sônia como mulher negra e liderança comunitária. Promova uma reflexão sobre o papel das mulheres negras na construção, organização e fortalecimento das comunidades. Proponha que os estudantes registrem histórias ou exemplos de mulheres negras que exercem liderança em seu contexto.

# MEMÓRIA, ORALIDADE E ANCESTRALIDADE DE DONA SÔNIA



FOTOGRAFIA CEDIDA PELA ENTREVISTADA

**Maria Sônia Oliveira Conceição**

“Eu sei que a associação, ela transformou a nossa comunidade.

Dona Sônia (2025)

## Com a palavra, a protagonista!

“O trabalho que eu fiz na associação foi um trabalho de unir a comunidade.”

“Se não fosse a comunidade junta, nada disso teria acontecido na nossa comunidade.”

“Eu fiz porque a gente tinha uma boa equipe, nós tínhamos os sócios e nós tínhamos também a comunidade.”

“Eu sei que a associação, ela transformou a nossa comunidade.”

“A comunidade, na verdade, era bem carente, foi um grande desafio. Hoje a comunidade pode dizer que está rica, milionária, assim... a forma que ela evoluiu com todas essas coisas.”

“Hoje a comunidade pode dizer que está rica, milionária... pela forma que ela evoluiu com todas essas coisas que chegaram.”

“Eu sempre digo que eu vim ao mundo pra mostrar que a mulher pode chegar onde ela quiser.”

“[...] eu sempre fui uma pessoa muito firme, entendeu?”

“Eu não admito [violência contra a mulher] de jeito nenhum. Jamais.”

“Primeiro a educação, porque a educação transforma. E a educação me transformou também muito.”

“Nada dela [minha mãe, Gertrudes] era dificuldade. Ela sempre tinha aquela positividade, que as coisas vão dar certo.”

“A religiosidade também veio da minha mãe, eu acho que foi uma coisa que eu absorvi tudo dela, assim, a convivência, né?”

“Foi aquela pessoa que até hoje o pessoal fala dela chorando de tantas coisas boas que ela deixou... Aquela pessoa que acolhia, que era solidária, que ajudava.”

“Vocês precisam participar, porque um dia Deus chama a gente e alguém tem que continuar esse legado, deixar uma história bonita.”

**Orientações:** Realize a leitura dos relatos, destacando a oralidade como forma de preservar a memória e os saberes das mulheres negras. Promova uma conversa sobre a trajetória de Dona Sônia e a importância da mulher negra na construção e transformação da comunidade. Proponha que os estudantes pesquisem histórias e ensinamentos de mulheres mais velhas de seu convívio.

# TERRA, TRABALHO E UNIÃO: A FORÇA FEMININA NEGRA EM MOVIMENTO RURAL



SLOGAN EM PERFIL DO INSTAGRAM



PLACA NA SEDE E NA REDE X DA ASSOCIAÇÃO

## A ASSOCIAÇÃO

A Associação Comunitária dos Produtores Rurais da Quixaba foi idealizada na década de 90 e fundada oficialmente em 2000. Localizada no centro da comunidade, a iniciativa nasceu da visão da professora Dona Gertrudes Maria, que, com o apoio da população, uniu forças para criar uma associação focada nos interesses da agricultura familiar e nas necessidades locais.

Movida por um forte senso de transformação, Dona Gertrudes liderou a associação por muitos anos, e seu legado comunitário continua vivo em seus descendentes, que atualmente é liderada por sua filha Sônia. Desde então, a gestão atua ativamente para mudar a realidade de pequenos agricultores e agricultoras, promovendo formações, buscando benefícios governamentais, defendendo os direitos sociais da comunidade e salvaguardando sementes crioulas em um banco de sementes para sustentabilidade futura.

Além do apoio à agricultura familiar, a associação diversificou suas atividades para incluir agroecologia, cultura, lazer e educação.

Por meio do Centro Cultural Professora Gertrudes, ela promove um premiado projeto de leitura e oficinas para crianças. Já foi inclusive premiada pela Seculte/Ba por projeto de leitura tornando-se um pontinho de leitura comunitária no Estado.

O centro também organiza eventos culturais como Reisado do Boi, Quadrilha Junina, Folguedo de São Gonçalo e Capoeira para salvaguardar as ricas heranças ancestrais da comunidade.

**Orientações:** Realize a leitura do texto, destacando o papel das mulheres negras na criação e fortalecimento da associação. Promova um debate sobre como os saberes, a liderança e a organização dessas mulheres transformam a realidade da comunidade. Proponha que os estudantes registrem ou investiguem iniciativas lideradas por mulheres negras em sua comunidade,

## CONHEÇA ESSA HISTÓRIA



@CENTROCULTURALPROFA.GERTRUDES

QR CODE DE ACESSO AO  
INSTAGRAM DO CENTRO CULTURAL  
COMUNITÁRIO DA QUIXABA



QR CODE DE ACESSO AO  
SITE DA ASSOCIAÇÃO

# CORDELIZANDO A VIDA



Imagem cedida por D. Sônia para a autora

Sônia Maria Oliveira Conceição

## DONA SÔNIA: MULHER QUE SEMEIA RESISTÊNCIA

*Autora: Professora Andréia Moreira*

**Orientações:** Realize a leitura coletiva do cordel, destacando a trajetória de Dona Sônia como mulher negra e liderança comunitária. Promova uma reflexão sobre o papel das mulheres negras na resistência, no cuidado e na construção coletiva da comunidade. Proponha que os estudantes criem versos ou pequenos cordéis inspirados em mulheres negras de suas famílias ou de sua comunidade.

FOI NO BOQUEIRÃO DO MARI  
QUE SÔNIA VEIO A NASCER,  
FILHA DE SEU AURELIANO  
DE GERTRUDES MARIA, SEU BEM QUERER.  
DESDE CEDO APRENDEU NA LIDA  
QUE A VIDA É DURA DE ATRAVESSAR,  
MAS COM FIBRA E VALENTIA  
FEZ DA LUTA SEU CAMINHAR.

COM FÉ NO PASSO E NO PEITO,  
SEGUIU SUA SINA COM PÉ NO CHÃO,  
ESTUDOU COMO QUIS A MÃE,  
COM CADERNO, LÁPIS E VOCAÇÃO.  
FOI PROFESSORA, POR UM TEMPO  
AUXILIAR DE ENFERMAGEM POR VIRTUDE,  
ATÉ SER, COM HONRA E VONTADE,  
AGENTE COMUNITÁRIA DE SAÚDE.

TRABALHA COMO LIDERANÇA,  
É MULHER DE ORAÇÃO,  
NA IGREJA DA COMUNIDADE  
TRAZ FIRMEZA E DEVOÇÃO.  
SUA VIDA É REGADA  
POR TRABALHO E ESPERANÇA,  
FIRME NO COLETIVO E NA UNIÃO  
ESTÁ SEMPRE BUSCANDO ALIANÇA.

NA QUIXABA, TERRA DE MASSAPÊ,  
DE RAÍZES ANCESTRAIS DA NEGRITUDE,  
ONDE O POVO, EM SUA MAIORIA,  
CARREGA NA PELE VICISSITUDES.  
COM LIDA E TRABALHO DURO  
SEGUEM NA LABUTA DIÁRIA,  
COM OS PROGRAMAS SOCIAIS  
E A FORÇA COMUNITÁRIA.

SÔNIA HERDOU O LEGADO DA MÃE  
DE AMOR PELO COLETIVO E EDUCAÇÃO,  
FEZ DO MAGISTÉRIO UM LEME,  
DO CUIDADO, VOCAÇÃO.  
COM DUAS FILHAS E UMA NETA  
VIVE COM TERNURA E SERIEDADE,  
BUSCANDO DEIXAR UM LEGADO  
DE RESISTÊNCIA E DIGNIDADE.

LUTA POR UM CENTRO CULTURAL VIVO  
DE CULTURA E TRADIÇÃO,  
ONDE O POVO CONTE SUA HISTÓRIA  
COM BATUQUE, MOVIMENTO E EXPRESSÃO.  
SONHA VER A JUVENTUDE  
COM PROJETO E OCUPAÇÃO,  
GENTE PRETA E MULHERES CELEBRANDO  
COM RESPEITO E UNIÃO.

NO SERTÃO QUE O SOL CASTIGA,  
MESMO ENTRE DORES ANTIGAS  
QUE PREFERE NÃO CONTAR.  
NOS BRAÇOS DO SEU ESPOSO  
QUE ELA ENCONTRA HARMONIA  
E ASSIM ELA SEGUE O CURSO DA VIDA.  
COM HUMILDADE E ALEGRIA  
COM SORORIDADE E EMPATIA.

CORRENTES E CABRESTO NÃO SEGURAM  
QUEM DECIDE CAMINHAR,  
POIS QUANDO UMA SE LEVANTA,  
MUITAS OUTRAS VÃO BROTAR.  
E SÔNIA SEGUE ESSE PASSO,  
COM FIRMEZA E COM RAZÃO,  
PORQUE SABE: SÓ SE VENCE  
COM CORAGEM, LUTA E UNIÃO.

E ENTRE O REINADO DO MANDACARU  
E A EXUBERÂNCIA DO MULUNGU,  
SÔNIA DEMONSTRA SUA FEMINILIDADE  
QUE FAZ SUA VOZ ENTRE SERRAS ECOAR,  
QUE A QUIXABA ESTÁ A SE LOCALIZAR  
E, VAI CRAVANDO SUA HISTÓRIA  
INSPIRANDO TANTAS GENTES  
QUE NÃO LHE PERDERÃO DA MEMÓRIA.

SALVE A QUIXABA DOS OLIVEIRAS,  
SEU POVO DE CONSTRUÇÃO,  
SALVE SÔNIA, QUE A COMUNIDADE GUIA  
COM AFETO, SABEDORIA E DECISÃO.  
QUE SEU SONHO VIRE FRUTO,  
E SEU NOME, SEJA LIBERDADE,  
NOS CORDÉIS E NAS ESTRADAS  
ECOANDO SUA PARIPIRANGUIDADE.

# PRODUZIR E RE-EXISTIR

## PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS COMUNITÁRIAS

Imagem extraída do site da associação



APOIO AOS AGRICULTORES E AGRICULTORAS LOCAIS

Imagem extraída do Instagram da associação



PARCERIAS COM INSTITUTOS E ONGS

Imagem extraída do Instagram da associação



PARCERIAS COM PROGRAMAS DE SAÚDE

Imagem extraída do Instagram da associação



FESTIVAIS CULTURAIS

Imagem extraída do site da associação  
Adaptação: Rostos das crianças borrados



ATIVIDADES ARTÍSTICAS E DE LEITURA

Imagem extraída do site da associação  
Adaptação: Rostos das crianças destacados



RODAS DE CAPOEIRA COM CRIANÇAS

**Orientações:** Observe as imagens e debatam sobre as ações desenvolvidas pela associação no fortalecimento da vida comunitária. Promova uma reflexão sobre a importância dessas iniciativas para o desenvolvimento social, cultural e coletivo da comunidade. Proponha que os estudantes pesquisem grupos comunitários em seu território, destacando a participação das mulheres negras.

# SALVAGUARDANDO O FUTURO

## A MULHER GUARDIÃ DE SEMENTES CRIOULAS

### SEMENTE CRIOLA: Preservação da ancestralidade

De acordo com Naara Carvalho, agricultora e cientista agrária do norte da Bahia, as “mulheres têm um papel fundamental na história da manutenção das sementes crioulas. Desde o início da agricultura foram as mulheres responsáveis por essa revolução agrícola. Pois os homens saíam de casa e as mulheres ficavam para coletar os frutos e selecionar as melhores espécies” (Carvalho, s.d. *apud* Tawane, 2021).

Estudos apontam que as mulheres são as maiores coletoras e guardiãs de sementes crioulas. Em diversas comunidades, o cuidado com o cultivo e a guarda das sementes sempre esteve nas mãos das mulheres. São elas as guardiãs do tempo certo para o plantio e do manejo da terra, selecionando as melhores sementes para garantir a próxima colheita, mesmo diante dos desafios do clima.

Essas sementes não são apenas para a roça; elas são um símbolo de resistência. Elas representam a autonomia frente ao agronegócio e a um sistema que impõe insumos químicos e empobrece a terra. Quando as mulheres afrodescendentes e afro-indígenas mantêm vivas as sementes de sua ancestralidade, elas estão, na verdade, dizendo um sonoro “não” a um modelo que tenta apagar suas tradições e seu modo de vida. É uma luta ativa, em cada canteiro, para que a história e a identidade de um povo não se percam.

Os bancos de sementes ou casas de sementes, nesse contexto, são mais que um depósito. São centros comunitários de aprendizado e troca de saberes sobre a terra, sobre o plantio e a vida em harmonia com o semiárido. Essa rede de solidariedade fortalece os laços sociais, mantendo viva a memória de um povo. Guardar uma semente é um gesto de esperança, é a certeza de que a luta pela história e pela identidade sertaneja continuará a florescer.

Essa resistência materializa-se na comunidade onde, por iniciativa da sua fundadora, Dona Gertrudes, a liderança atual (sua filha) e os associados assumiram a responsabilidade pela guarda das sementes crioulas. Armazenadas em uma casa de sementes anexa à sede da associação, essas sementes são fruto de um manejo tradicional que respeita o tempo da terra, sendo cultivadas sem venenos ou intervenções hídricas artificiais. As plantas desenvolvem-se em harmonia com os ciclos naturais, manifestando a força intrínseca da biodiversidade local sem a imposição de agentes externos.

FONTE:

TAWANE, Nayá. Guardiãs de sementes: ancestralidade camponesa preserva vida sustentável no planeta. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/03/05/guardias-de-sementes-ancestralidade-camponesa-preserva-vida-sustentavel-no-planeta/>. Acesso em: 02 ago. 2025.

Foto da autora



CASA DE SEMENTES DA ASSOCIAÇÃO, QUIXABA

Foto da autora



EXPOSIÇÃO DE SEMENTES CRIOULAS EM ESCOLA MUNICIPAL

Foto da autora



SÔNIA E ANDRÉIA NA VILA COITÉ EXPOSIÇÃO DE SEMENTES CRIOULAS PELA EJA CAMPO

**Orientações:** Realize a leitura do texto, destacando o papel da mulher negra como guardiã de sementes e herdeira de saberes ancestrais originados no continente africano. Promova uma reflexão sobre a importância histórica das mulheres na descoberta da agricultura e na preservação da vida por meio das sementes. Proponha que os estudantes produzam registros (escrita, desenho ou relato) sobre a importância de preservar as sementes e os saberes tradicionais.

# HQ - NA QUIXABA DE DONA SÔNIA A TERRA FALA

Na comunidade Quixaba em Paripiranga-Bahia, a terra acorda cedo e as mulheres acordam junto com ela.

Bença Dona Sônia! A senhora já conversou com a terra hoje? O que ela disse para o futuro?

Deus te abençoe, Amanda  
A Terra fala baixinho, serena. Ela é sábia. Mas quem escuta, entende e ensina!

A senhora sabia, que na escola quase ninguém fala que as mulheres negras são cuidadoras da terra, guardiãs de sementes e lideranças comunitárias.

Somos matrigestoras, guardiãs da terra, de sabedorias trazidas da África e unidas as do povo indígena daqui.

Essas sementes, por exemplo, guardam a história das nossas ancestrais.

Então plantar é lembrar? Cuidar da terra é viver?

Sim! Fique sabendo Amandinha que a mulher negra sempre sustentou esse chão com trabalho, resistência, cuidado e preservação.

É lembrar e continuar os saberes ancestrais daquelas que vieram antes de todas nós. É passar adiante esse legado, pois elas lutaram muito para hoje estarmos liderando e cuidando da terra-mãe e da vida.

Quero plantar sem veneno. Quero cuidar da terra-mãe do jeito certo, para que o futuro seja sustentável e a história ganhe um novo rumo.

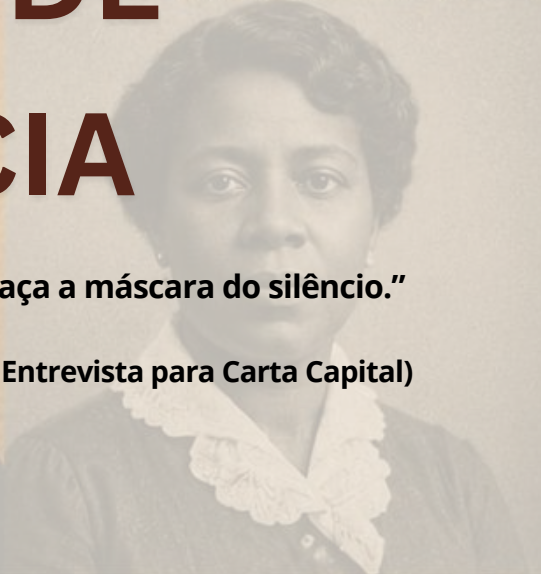
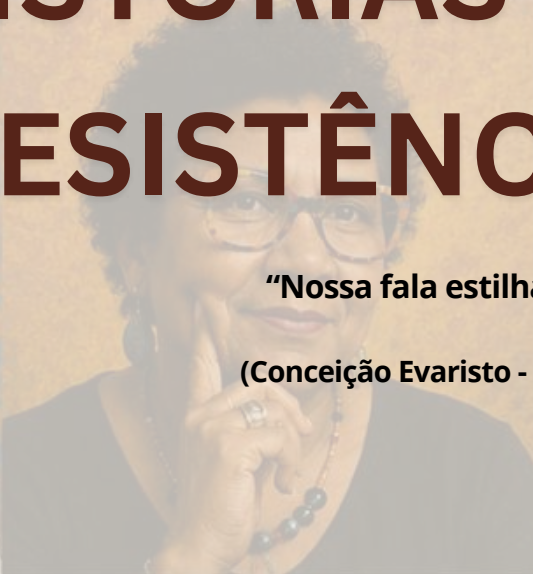
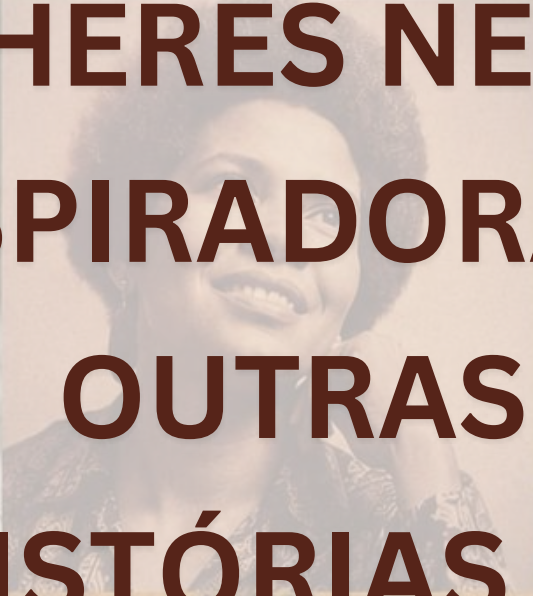
Saber antigo e saber novo caminham juntos. A agricultura paripiranguense tem a força da voz e das mãos da mulher negra. E o futuro pertence a quem souber escutar, desejar aprender e se dispor a ensinar.

Ilustração produzida com auxílio de Inteligência Artificial (ChatGPT/OpenAI), a partir de concepção, roteiro textual e curadoria histórica da autora.

**Orientações:** Realize a leitura da história em quadrinhos, destacando o papel da mulher interiorana e comunitária como guardiã da terra, das sementes e dos saberes transmitidos de geração em geração. Promova uma reflexão sobre a relação entre ancestralidade, cuidado com a terra e a construção de um futuro sustentável. Proponha que os estudantes produzam uma narrativa (desenho, texto ou quadrinho) sobre o papel das mulheres negras na preservação da vida, da terra e da memória.



# MULHERES NEGRAS INSPIRADORAS E OUTRAS HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA



**"Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio."  
(Conceição Evaristo - Entrevista para Carta Capital)**



FONTE: MOSAICO FEITO PELO FREEPIK

## NOTA BIOGRÁFICA

A Rainha Njinga Mbandi nasceu por volta de 1581 no Reino do Ndongo era excepcional na arte da dança militar. Se destacou como grande estrategista militar e diplomática da história africana. Conhecida por sua inteligência excepcional, ela negociou tratados de igual para igual com colonizadores, exigindo o respeito à soberania de seu povo.

Njinga liderou pessoalmente exércitos em batalhas vitoriosas, no século XVII, mantendo a independência de seus territórios por décadas através de alianças táticas, rotas comerciais e inteligência de guerra. Ela aprendeu suas táticas de defesa observando seu pai o Rei do Ndongo. Faleceu em 1663.

Era uma intelectual com grande visão de mundo. Sua visão impediu o avanço das forças invasoras, tornando-a um símbolo de dignidade, autodeterminação e resistência para todo povo. Até hoje, em Angola é celebrada como representação de força inquebrantável da liderança feminina africana frente aos desafios globais.

FONTE: FONSECA (2024)



Fonte: Face2Face África

### RAINHA NZINGA

## NO MEU LUGAR

Paripiranga terra de origem de **Georgina Maynart Rabelo Montes**. Atualmente é repórter e produtora na TV Bahia - Rede Bahia de Televisão. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Reportagem Televisiva (Apresentação, edição, reportagem e produção). Atualmente integra o núcleo especial de reportagens sobre agro.

É uma referência para todas as mulheres negras do município, do Estado e do país.

FONTE: ESCAVADOR (2025)

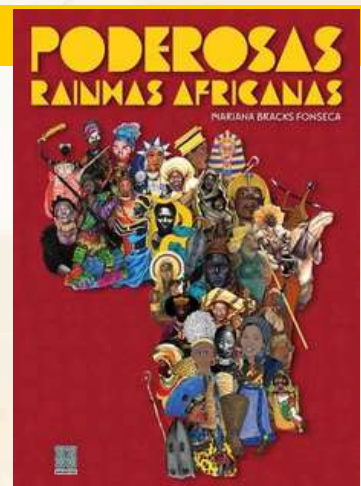


Fonte: Instagram da jornalista

## DICA DE LEITURA



Poderosas Rainhas Africanas, da autora Mariana Bracks Fonseca (Editora Ancestre, Belo Horizonte), apresenta a história dos reinos africanos a partir das trajetórias de mulheres que exerceram importantes papéis políticos, sociais e culturais. Com linguagem acessível e belas ilustrações, a obra valoriza protagonismos femininos africanos frequentemente ausentes da história tradicional, inspirando leitores e leitoras a conhecerem a força e o legado de rainhas que marcaram diferentes regiões do continente africano em distintas épocas.



## NOTA BIOGRÁFICA



Fonte: Wiki Favelas

**LÉLIA GONZALEZ**

Lélia Gonzalez foi uma intelectual, ativista e política brasileira que se destacou na luta contra o racismo e o sexismo no Brasil. Nascida em Belo Horizonte em 01 de fevereiro de 1935, ela se mudou para o Rio de Janeiro na década de 1940, onde construiu sua carreira acadêmica e política. Foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU), do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), do Nzinga Coletivo de Mulheres Negras; do Olodum (Salvador). A autora participou da primeira composição do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), de 1985 a 1989. Lélia Gonzalez foi uma das principais intelectuais negras do Brasil no século XX. Sua obra e seu ativismo foram fundamentais para a construção de um pensamento crítico sobre o racismo e o sexismo no país. Ela também contribuiu para a valorização da cultura negra e para a luta por igualdade de direitos. Faleceu em 1994 no Rio de Janeiro.

FONTE: GELEDÉS (2009)

## NO MEU LUGAR

O Carnaval em Paripiranga já ocupou um lugar de destaque no calendário de fevereiro. Carregosa (2015) aponta que os jornais da época noticiavam a realização de grandes festividades promovidas pelo Clube Vitória; o jornal simão-diense A Semana, de 2 de fevereiro de 1947, sublinhava a irreverência e o despojamento dessas festas. Por ser um clube, as festas eram de acesso ao público urbano e elitizado. De acordo com Fagundes (2019) havia dois carnavais: o dos granfinos e o dos pretinhos. Era no bloco dos pretos e pobres que emergia a resistência cultural de Zé Pretinho e Zé Gaiola que simbolizavam a negritude paripiranguense. Eles organizavam um bloco que arrastava multidões pelas ruas da cidade, configurando-se como um espaço democrático que seguia o rito do autêntico carnaval popular, ou seja, de rua. Fagundes (2019, p. 65) aponta para uma nota de 1957 do periódico local “O Ideal” que diferencia o carnaval dos “pretinhos” e dos “granfinos”:

***“E o bloco do carnaval dos pretinhos quem efetivamente primeiro sacode a alma folian do povo de nossa cidade: Os granfinos vão se sentindo contagiado pelo entusiasmo dos ensaios carnavalescos dos pretinhos e terminam aderindo a folia, organizando-se em blocos de foliões animadíssimos, que em carros abertos ou em grupos insolados com batucadas, percorrem as ruas, levando de casa em casa o contágio de sua alegria nos três dias de loucuras” [...] A mocidade prepara-se com intensos desejo para os três dias de festa mais popular do Brasil: Nem os preços elevados do Lança-perfume a faz renunciar ao prazer de saracutear e cantar nos três dias de Mômô: [...]” (O ideal, 1957 apud Fagundes, 2019, p. 65).***

## NOTA BIOGRÁFICA



Fonte: Afile

**SUELI CARNEIRO**

Aparecida Sueli Carneiro Jacoel, mais conhecida como Sueli Carneiro, é uma filósofa, escritora e ativista antirracista brasileira. Ela nasceu em São Paulo em 1950. Fundadora do GELEDÉS, o Instituto da Mulher Negra, primeira organização negra e feminista independente de São Paulo.

Criou o primeiro programa de saúde mental específico para mulheres negras, entre outras lutas pelos direitos das mulheres, em especial, negras. Defende a construção de um universalismo que acolha a diversidade humana. Defende a efetivação dos direitos humanos, a emancipação de todas as formas de opressão e a radicalização da igualdade e da liberdade para as pessoas negras, convocando-as a lutarem para eliminar privilégios de raça e gênero. Foi a primeira mulher negra a receber o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade de Brasília (UnB), em 2022.

FONTE: ACERVO SUELI CARNEIRO  
GELEDÉS (2013)

## VOCÊ SABIA?

A Rainha Tereza de Benguela tornou-se símbolo máximo da resistência negra feminina brasileira. Por isso, em 25 de julho, celebramos o Dia Nacional de Tereza de Benguela e o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, mantendo viva a memória de sua resistência.

Há divergências quanto a origem de Tereza. Alguns historiadores apontam para Angola como país de origem. No Brasil, Tereza assumiu a liderança do Quilombo do Quariterê (MT) no século XVIII, transformando-o no maior centro de resistência da época.

Seu governo destacou-se por uma estrutura organizada, contando com um conselho deliberativo que funcionava como um parlamento para decisões coletivas. Em sua gestão, o quilombo alcançou uma prosperidade econômica notável, operando produção têxtil e mantendo uma agricultura diversificada que garantia a soberania alimentar da comunidade.

Tereza coordenou uma aliança estratégica com negros e indígenas, resistindo às investidas da Coroa Portuguesa com táticas de defesa rigorosas. Em 1770, após uma grande expedição militar colonial, o quilombo foi destruído e Tereza foi capturada e assassinada.

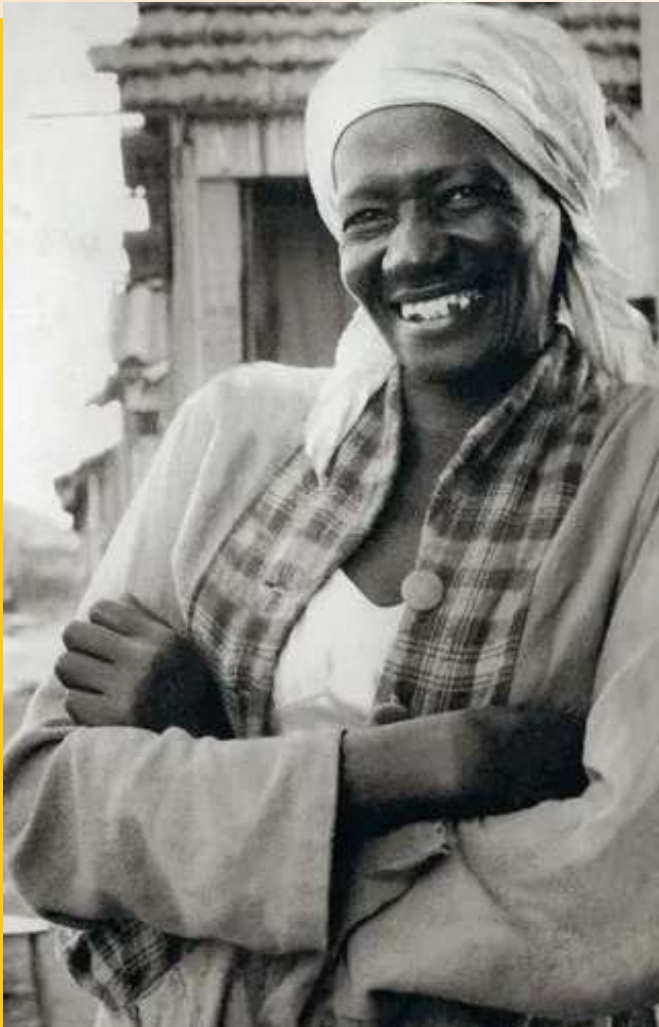


Fonte: blend-edu

**RAINHA TEREZA DE BENGUELA**

FONTE: ALMA PRETA (2025)

## NOTA BIOGRÁFICA



Fonte: Revista Galileu

### CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus, nascida na zona rural de Sacramento, Minas Gerais, em 1914, foi uma escritora brasileira conhecida por seu livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, que retrata o cotidiano de sua vida na Favela do Canindé, na Zona Norte de São Paulo, onde vivia e trabalhava como catadora de papéis para sustentar seus três filhos.

Seu livro alcançou reconhecimento nacional e internacional, sendo traduzido para diversos idiomas. A obra oferece um retrato cru e autêntico da vida na favela, a partir da perspectiva de uma mulher negra e pobre.

Sua história de vida é um testemunho da força e da resiliência de mulheres negras e pobres no Brasil. Sua obra é um documento histórico e social valioso, que denuncia a desigualdade e a exclusão.

Sua trajetória inspira mulheres e homens a lutar por seus direitos e a buscar uma vida melhor. Carolina Maria de Jesus é um símbolo de resistência e um exemplo de como a literatura pode dar voz aos marginalizados.

FONTE: Dicionário de Favelas Marielle Franco (2026)

## DICA DE LEITURA



O diário da catadora de papel Carolina Maria de Jesus, deu origem ao livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, que relata o cotidiano triste e cruel da vida na favela. A linguagem simples, mas contundente, comove o leitor pelo realismo e pelo olhar sensível na hora de contar o que viu, viveu e sentiu nos anos em que morou na comunidade do Canindé, em São Paulo, com seus três filhos.



## NOTA BIOGRÁFICA

Luíza Mahin foi uma mulher inteligente e valente. Pertencente à etnia *jeje*, teria sido trazida para o Brasil como escravizada durante o período escravista, embora alguns estudos apontem que tenha nascido livre na Bahia, por volta de 1812.

Em 1830, deu à luz seu filho, Luiz Gama, que mais tarde se tornaria poeta e um dos maiores abolicionistas brasileiros.

Sua residência, em Salvador, tornou-se ponto de encontro para a articulação de importantes movimentos de resistência negra no século XIX. A atuação de Luíza é associada à Revolta dos Malês, ocorrida em 1835, maior insurreição de africanos escravizados na Bahia.

Diante da repressão promovida pelas autoridades da província, Luíza teria deixado Salvador e partido para o Rio de Janeiro, onde também é mencionada em relatos ligados a outras mobilizações negras. Há indícios de que tenha sido presa e, possivelmente, deportada para a África. Sua história é marcada pela resistência e pelo combate à escravidão, sendo homenageada com seu nome em uma praça pública na cidade de São Paulo.

FONTE: GELEDÉS (2009)



Fonte: Exporvisões

**LUÍZA MAHIN**

## VOCÊ SABIA?

Os Adinkra são símbolos visuais da cultura Akan do Gana, originados no século XVIII ou antes. Eram usados para estampar tecidos que a realeza usava em cerimônias importantes.

Esses símbolos Adinkra ultrapassaram as fronteiras da cultura Akan. Atualmente, podem ser vistos em logotipos, roupas, móveis, construções e até em portões de aço. Essa presença em diferentes contextos demonstra o reconhecimento mundial de seu valor ancestral.

(FONTE: Extraído de - [adinkrasymbols.org](http://adinkrasymbols.org))

Descubra os símbolos Adinkra e seus significados. Disponível em: - <https://www.adinkrasymbols.org/>

**SANKOFA**  
Símbolo Adinkra  
SIGNIFICADO: Volte e busque!



## DICA DE LEITURA



Em *Como Ser um Educador Antirracista*, Bárbara Carine (Editora Planeta) reflete sobre educação antirracista e racismo estrutural. A obra é um convite para educadoras e educadores desenvolverem práticas pedagógicas antirracistas comprometidas com a transformação social.

## NOTA BIOGRÁFICA

Maria Beatriz do Nascimento nasceu em Aracaju, Sergipe, em 1942. Intelectual, historiadora e ativista, contribuiu significativamente para a compreensão da história e da cultura negra no Brasil, conectando passado e presente por meio das reflexões sobre os quilombos e a diáspora africana. Seu trabalho deixou um legado fundamental para o movimento negro e para os estudos acadêmicos.

Foi uma voz importante do feminismo negro, destacando as experiências das mulheres negras em uma sociedade marcada pelo racismo e pelo sexismo.

Faleceu precocemente aos 52 anos, no Rio de Janeiro, em 1995, vítima de feminicídio após apoiar uma amiga que vivia um relacionamento abusivo. O crime foi cometido pelo ex-companheiro da amiga, que foi preso dias depois.

Em 2023, seu nome foi inscrito no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, reconhecimento de sua contribuição intelectual e de sua luta em defesa da população negra brasileira.

FONTE: ANCESTRALIDADES (2025)

## VOCÊ SABIA?

### Existem leis de proteção às mulheres

- ♦ Lei Maria da Penha (2006): combate à violência doméstica (física, psicológica, sexual, moral e patrimonial).
- ♦ Lei do Feminicídio (2015): torna o assassinato de mulheres crime hediondo.
- ♦ Lei do Minuto Seguinte (2013): garante atendimento imediato às vítimas de violência sexual.
- ♦ Lei da Importunação Sexual (2018): criminaliza atos de assédio sexual em espaços públicos e privados.
- ♦ Lei do Stalking (2021): pune perseguição e ameaças.
- ♦ Lei Mariana Ferrer (2021): protege a dignidade da vítima em julgamentos.
- ♦ Lei de combate à Violência política (2021): combate ataques contra mulheres na política.
- ♦ Lei de Monitoramento eletrônico (2026): permite uso imediato de tornozeleira pelos agressores.

### Outras leis importantes:

- ♦ Lei do Minuto Seguinte (2013), Lei Carolina Dieckmann (2012) e Lei Joanna Maranhão (2015), Lei Bárbara Penna (2024).

### Denuncie:

**Disque 180 (central de atendimento) | 181 (disque denúncia) | 190 (emergência)**

Fonte: Notícia Preta

**MARIA BEATRIZ NASCIMENTO**

## NOTA BIOGRÁFICA

Maria Escolástica da Conceição Nazaré, criada no ambiente do candomblé, tornou-se a ialorixá conhecida como Mãe Menininha do Gantois. Nasceu em fevereiro de 1894, em Salvador (BA). Neta de Maria Júlia da Conceição Nazaré, fundadora do Terreiro do Gantois, descendente de africanos da nação Egbá-Arakê, originários de Abeokutá, no sudoeste da Nigéria, foi uma das mais célebres ialorixás do Brasil.

Assumiu a liderança do terreiro em 1922 e permaneceu à frente da casa por 64 anos. Destacou-se pela defesa das religiões de matriz africana e pelo diálogo entre o Candomblé e a Igreja Católica, abrindo o terreiro a pessoas de diferentes origens.

Tornou-se conselheira de políticos, intelectuais e artistas, como Dorival Caymmi, Caetano Veloso e Pierre Verger. Em 1976, foi homenageada pela escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel com o enredo "Mãe Menininha do Gantois". Reconhecida por aliar doçura e firmeza, combateu o racismo e a discriminação, tornando-se um símbolo da cultura e da religiosidade afro-brasileira. Faleceu aos 92 anos, deixando um legado de tolerância, respeito e preservação das tradições ancestrais.



Fonte: Memória feminista

### MÃE MENININHA

FONTE: ANCESTRALIDADES (2023)

## VOCÊ SABIA?

*O Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa homenageia Mãe Gilda, fundadora do terreiro Ilê Axé Abassá de Ogum, em Salvador. Após ter sua imagem exposta de forma ofensiva pelo jornal Folha Universal, que publicou sua fotografia com uma tarja preta nos olhos sob a manchete "Macumbeiros charlatões lesam o bolso e o coração de cristãos", Mãe Gilda sofreu perseguições e ataques que agravaram seu estado de saúde, levando-a à morte em 21 de janeiro de 2000.*

*Sua morte mobilizou o movimento negro e as comunidades de terreiro, cujos protestos transformaram a data de seu falecimento num marco da luta contra a intolerância religiosa no Brasil.*

FONTE: INFORMATIVO FALA EGBÉ (2008)

## NO MEU LUGAR

O Projeto Sertão Maria, concebido pela professora e historiadora local Ana Maria Ferreira de Oliveira, apresenta-se como o "Memorial Digital da Mulher Sertaneja". A iniciativa nasce da necessidade de preservar a história e a memória de mulheres cujas trajetórias, embora fundamentais para o desenvolvimento do interior baiano, permaneceram por muito tempo invisibilizadas.

Mais do que um registro documental, o memorial constitui um espaço de valorização das vozes, das memórias e da ancestralidade das mulheres sertanejas. Disponível no Instagram, o projeto se consolida como uma plataforma viva de memória e resistência, contribuindo para que o legado dessas mulheres seja reconhecido, valorizado e perpetuado.



@SERTAOMARIA.MEMORIAL

FONTE: INSTAGRAM @SERTAOMARIA.MEMORIAL

## NOTA BIOGRÁFICA



Fonte: Editora Elefante

**BELL HOOKS**

bell hooks (1952-2021) foi uma renomada autora de best-sellers, professora, feminista e ativista estadunidense. Seu trabalho explorou as intersecções de raça, classe e gênero, com foco particular no impacto do racismo e do sexismo nas mulheres negras.

A escolha de bell hooks (pseudônimo de Gloria Jean Watkins) em escrever seu nome com letras minúsculas é uma decisão consciente, política e filosófica, destinada a enfatizar suas ideias, descentralizar sua própria figura e se conectar com as tradições do pensamento feminista e com sua ancestralidade. Essa forma foi adotada em homenagem à sua avó materna, Bell Blair Hooks, conhecida por ser uma mulher de opiniões fortes e fala direta. Ao usar as minúsculas, ela criava uma distinção visual entre ela (a autora/pseudônimo) e a antepassada, ao mesmo tempo em que mantinha vínculo com sua linhagem feminina.

FONTE: E BIOGRAFIA (2021)

## NO MEU LUGAR



@VAMOSCONVERSAR\_\_\_

No mês de setembro vestimos amarelo em alusão a Campanha do Setembro Amarelo para nos lembrar de que a vida é o nosso bem mais precioso. No entanto, para nós, em Paripiranga, falar de saúde mental é também falar de acolhimento e rede de apoio. No município também se desenvolvem ações relacionadas ao Setembro Amarelo, com destaque para a Lei Municipal nº 014/2020, intitulado "Linguagem e Ciência: vamos conversar?". A proposta, aplicada nos anos finais do Ensino Fundamental na Escola Municipal Maria Dias, teve como foco o letramento e a saúde mental, valorizando a escuta dos estudantes e o cuidado com o bem-estar emocional. Esse Projeto foi destaque no banco de práticas da BNCC.

## VOCÊ SABIA?

*Já ouviu falar do Banzo? Foi descrito por alguns estudiosos como profunda melancolia que acometia africanos e africanas escravizadas(os) no Brasil. De acordo com o Dicionário da escravidão negra no Brasil, de Clóvis Moura (2004, p. 63), o banzo era o "estado de depressão psicológica que se apossava do africano logo após seu desembarque no Brasil. Geralmente os que caíam nessa situação de nostalgia profunda terminavam morrendo".*

## NOTA BIOGRÁFICA

Antonieta de Barros nasceu em 1901, foi uma jornalista, professora e política brasileira, pioneira na luta contra o racismo e pelo direito à educação. Nascida em Florianópolis, filha de uma ex-escravizada, ela superou as barreiras da pobreza e do preconceito para fundar seu próprio curso pré-vestibular aos 21 anos. Em 1934, tornou-se a primeira mulher negra a ser eleita deputada no Brasil, ocupando uma cadeira na Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Sua atuação parlamentar foi marcada pela defesa da alfabetização e pela valorização da carreira docente, sendo a autora da lei que instituiu o Dia do Professor (15 de outubro) no Estado. Sob o pseudônimo Maria da Ilha, escreveu crônicas contundentes denunciando a exclusão social e as injustiças de gênero e raça. Antonieta acreditava que a educação era a única "chave de ouro" capaz de libertar as classes subalternizadas da opressão colonial. Sua trajetória é um exemplo precoce de intelectualidade e decolonização do saber, ocupando espaços de poder num período de profunda segregação. Faleceu precocemente aos 50 anos, mas seu legado como educadora e ativista permanece.

FONTE: CÁTEDRA DE ANTONIETA DE BARROS  
(<https://catedraantonietadebarros.paginas.ufsc.br/quem-foi/>)

Fonte: Primeiros negros

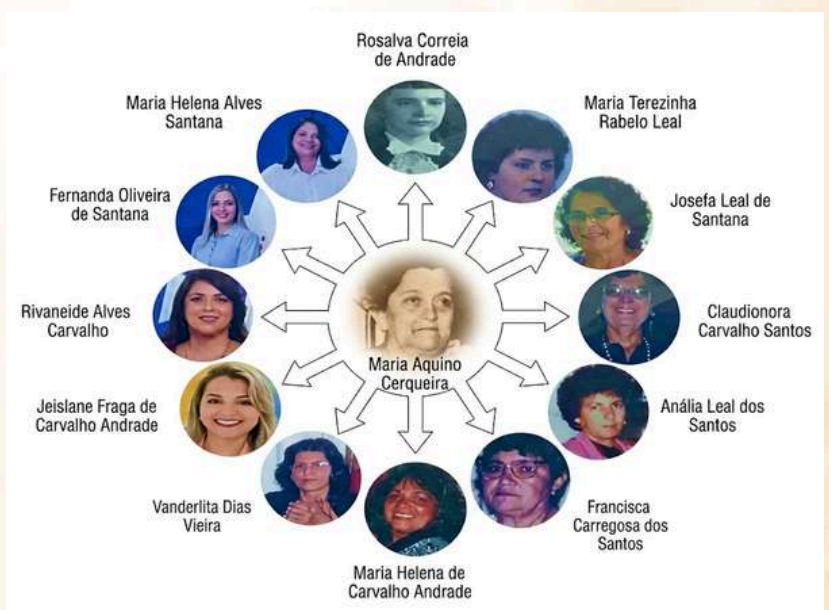


**ANTONIETA DE BARROS**

## NO MEU LUGAR

Desde a sua emancipação política, Paripiranga contabiliza um histórico de 113 parlamentares no exercício do cargo de vereador(a). No entanto, esse total revela uma profunda disparidade na representação no Legislativo: apenas 13 mulheres ocuparam cadeiras na Câmara Municipal e, desse grupo restrito, somente duas exerceram a presidência da Casa. Observa-se, portanto, uma significativa lacuna de gênero (que se estende também à dimensão racial) na composição do Legislativo municipal.

FONTE: Dados e imagens do Acervo da Câmara Municipal de Vereadores de Paripiranga - BA (2025).



Fonte: Imagem criada com o auxílio da IA Gemini (2025).

## NOTA BIOGRÁFICA

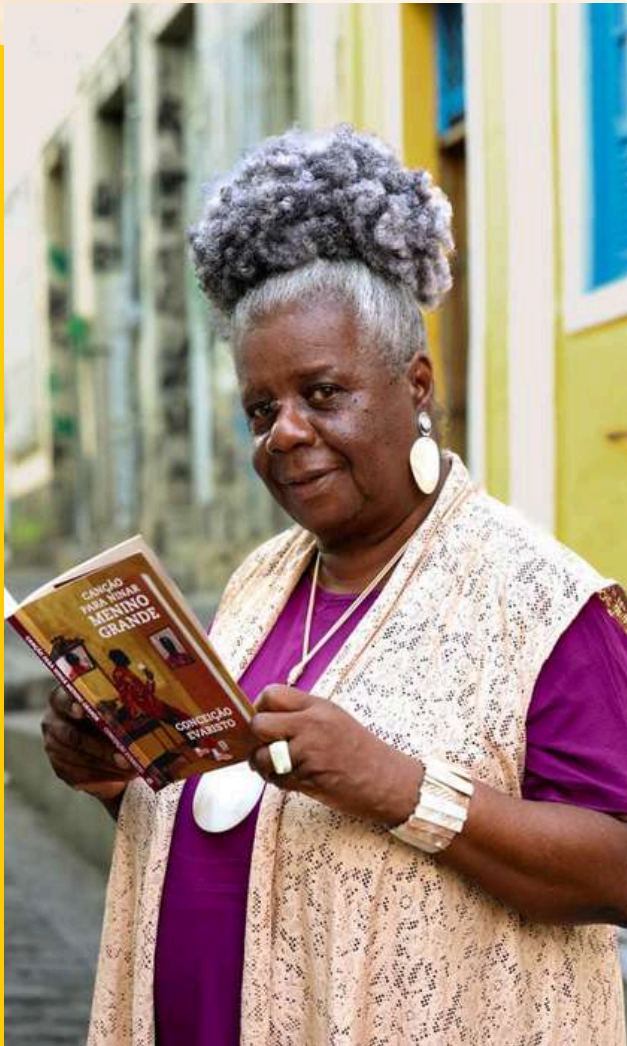
Conceição Evaristo, nascida em 1946 em uma favela em Belo Horizonte, Minas Gerais, é uma renomada escritora, professora e ativista brasileira. Ela conciliou os estudos com o trabalho doméstico até concluir o ensino normal. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1973, onde se formou em Letras pela UFRJ e posteriormente obteve mestrado e doutorado em Literatura.

Sua obra é um pilar da literatura contemporânea, marcada pela criação do conceito de "escrevivência", que busca dar voz às experiências das mulheres negras e subalternizadas através de uma escrita que funde vivência e ficção.

Em livros como *Ponciá Vicêncio* e *Olhos d'Água*, ela denuncia o racismo estrutural e a violência de gênero, ao mesmo tempo em que celebra a resistência ancestral e os laços afetivos da diáspora.

Reconhecida internacionalmente, sua trajetória simboliza a passagem do silenciamento forçado para o protagonismo literário, inspirando novas gerações de intelectuais negras a ocuparem espaços de poder e saber. Ao transformar a dor em arte e o trauma em documento, ela reafirma que o ato de escrever é, acima de tudo, uma prática de liberdade e de direito à existência plena.

FONTE: GELEDÉS (2021)



Fonte: Quatro Cinco um

### CONCEIÇÃO EVARISTO

## NO MEU LUGAR

Em novembro acontece a Festa do Milho, evento cultural ligado às tradições agrícolas do município de Paripiranga, reunindo música, comidas típicas, manifestações culturais, exposição de implementos agrícolas e artesanato local. Esse evento é a continuidade das manifestações culturais dos festejos juninos e das celebrações do folclore em agosto. É a celebração da colheita e a exaltação de tudo que o município produz na agricultura e pecuária. Acontecem exposições que colocam lado a lado a agricultura familiar e o agronegócio, implementos provenientes da tecnologia e produtos advindos da arte manual. Além disso, no desfile da Rainha do Milho, três das seis edições foram vencidas por jovens negras, evidenciando representatividade na cultura local.

## DICA DE LEITURA



## NOTA BIOGRÁFICA

A Baiana do Acarajé é uma figura icônica da cultura afro-brasileira, especialmente na Bahia. Ela representa muito mais do que uma simples vendedora de comida de rua; é uma guardiã de tradições ancestrais, um símbolo de resistência e um importante elo com a cultura africana. A produção e venda do acarajé e do abará são práticas que remontam ao período da escravidão e foram transmitidas de geração em geração pelas mulheres negras. A receita e o ritual de preparo carregam consigo elementos da culinária e das crenças africanas. O ofício das Baianas do Acarajé foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2005. Esse reconhecimento destaca a importância cultural, histórica e social dessa atividade. As Baianas do Acarajé são facilmente reconhecidas por suas vestimentas tradicionais, predominantemente brancas, embora também possam apresentar outras cores. Essa indumentária é uma expressão visual da cultura afro-brasileira e da identidade dessas mulheres. A atividade das Baianas do Acarajé representa uma forma de economia criativa pelo coletivo feminino negro, que historicamente garantiu a subsistência de muitas famílias.

FONTE: AVIVA (2018)

## VOCÊ SABIA?

Você sabe o que é UBUNTU?

Mungi Ngomane escreveu uma linda explicação sobre Ubuntu:

*“Ubuntu é um modo de vida com o qual todos podemos aprender. E é uma das minhas palavras favoritas. De fato, meus sentimentos pelo ubuntu são tão profundos que tatuei a palavra na parte interna do meu pulso direito. Para mim, é uma palavra pequena, mas que consegue encapsular uma grande ideia. Originária de uma filosofia sul-africana, ela abrange todas as nossas aspirações sobre como viver bem, em união. Sentimos ubuntu quando nos conectamos a outras pessoas e compartilhamos certo senso de benevolência; quando ouvimos com atenção e experimentamos um vínculo emocional; quando tratamos a nós mesmos e aos outros com a dignidade merecida.”*

(Ngomane, 2023, p. 13)



Fonte: Iphan

## BAIANA DO ACARAJÉ

## NO MEU LUGAR

Em Paripiranga, muitas mulheres produzem e comercializam alimentos típicos que fazem parte da cultura e da memória da comunidade.

No passado, elas vendiam em barracas, nas feiras, mercados, pontos nas ruas ou até em carrinhos de mão de forma itinerante, garantindo sustento e mantendo vivas tradições passadas de geração em geração. São práticas que seguem até hoje e podem ser observadas nas praças, feiras e mercados.

Entre essas delícias estão a cocada, o beiju de coco, o beiju de tapioca, o arroz doce, o mungunzá, a pamonha e a queijada.

São saberes culinários que revelam o protagonismo, especialmente das mulheres negras, na economia local e na preservação da cultura alimentar.

The background of the page features a colorful geometric pattern at the top. Below it, a faded illustration shows a female teacher with glasses and a green shirt leaning over a table. Four diverse children (three girls and one boy) are seated around the table, each with an open book. The text 'PROPOSTAS PEDAGÓGICAS' is overlaid in the center of the illustration.

# PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

FONTE DA IMAGEM DE FUNDO: ADAPTADO DO FREEPIK (2026)

# PROPOSTA PEDAGÓGICA:

## Saberes, oralidade e resiliência de Dona Sônia

Recomendação: Anos Finais do Ensino Fundamental

### Componentes Curriculares: História, Identidade e Memória (Interdisciplinar)

**Introdução:** Esta proposta tem como referência o estudo de Dona Sônia, liderança da Associação de Produtores e Produtoras Rurais da Quixaba, entidade fundada por sua mãe, Professora Dona Gertrudes. É um estudo de caso fundamental para uma História local descolonizada. Dona Sônia salvaguarda a memória e a sustentabilidade através de um banco de sementes e projeta o futuro via centro cultural, capoeira, artes e educação. Apresentar sua história é conduzir os estudantes a conceitos que confluem em práticas de matrigestão e circularidade de saberes.

**Temática:** Raízes e resistência: gênero, raça, cultura e o poder da organização comunitária na vivência de Dona Sônia.

**Objetivo Geral:** Analisar a trajetória de Dona Sônia Oliveira como sinônimo de organização popular, onde gênero, raça, cultura e agricultura familiar se interseccionam como ferramentas de resistência e autonomia.

### Objetivos Específicos:

- Identificar a força da mulher na liderança comunitária, destacando o papel da matriarca Dona Gertrudes e suas descendentes.
- Debater o antirracismo a partir da preservação de práticas ancestrais (Banco de Sementes, Capoeira e manifestações culturais).
- Analisar o associativismo como modelo de gestão social para a conquista de direitos.
- Compreender os conceitos de matrigestão e mulherismo africana a partir das iniciativas da liderança na comunidade.
- Reconhecer o território como espaço estratégico de resgate cultural e preservação da memória.
- Analisar a confluência entre o cuidado com a terra e a memória na Quixaba a partir da pessoa de Dona Sônia (corpo-território).

### METODOLOGIA (Carga Horária: aproximadamente 5 h/a + Visita técnica)

- **ETAPA 1:** Conhecendo a origem da protagonista (70 min)
  - Ação: Leitura sobre Dona Sônia no almanaque (p. 29-35).
  - Provocação: "Como a união de um povo pode servir de base para sua resistência política?"
  - Conceito: Contextualização histórica da Associação e a força da união.
  - Foco: O legado da matriarca Dona Gertrudes herdado por sua filha Sônia.

- **ETAPA 2:** Matrigestão e Voz (50 min)
  - Ação: Debate sobre liderança feminina e interseccionalidade no campo.
  - Conceitos: Empoderamento rural e o poder da mulher negra.
  
- **ETAPA 3:** Sementes de Futuro (50 min)
  - Ação: Estudo sobre o Banco de Sementes Crioulas (Romper lógicas hegemônicas) - Consultar pág. 34.
  - Material: Leitura da HQ - Na Quixaba de Dona Sônia a terra fala (pág. 35).
  
- **ETAPA 4:** Ancestralidade (90 min)
  - Ação: Oficina de Capoeira com Mestres capoeiristas convidados (Adilson Go ou Carlos Nakonda - Capoeiristas locais).
  - Foco: Valorização da cultura de matriz africana.
  
- **ETAPA 5:** Experivivência (Turno Oposto)
  - Ação: Visita pedagógica à Comunidade da Quixaba.
  - Experiência: Escuta das histórias e vivências comunicadas por Dona Sônia.

#### **Dicas de Leitura (Para Professores e professoras)**

- Livro - Mulherismo Africana: Recuperando a nós mesmos (Clenora Hudson-Weems).
- Livro - Memórias da Plantação (Grada Kilomba).
- Livro - Ponciá Vicêncio (Conceição Evaristo).
- Livro - O Perigo de uma História Única (Chimamanda Ngozi Adichie).
- Livro - Cultura Popular: gestos de ensinar e aprender (Jadir de Moraes Pessoa).
- Artigo - Decolonialidade, ensino de história e educação das relações étnico-raciais (Santos e Lucini, 2022). Disponível em: <https://old.cadernoscajuina.pro.br/index.php/cadcajuina/article/view/577>

# PROPOSTA PEDAGÓGICA:

## Saberes, oralidade e práticas de Dona Irandi

Recomendação: Anos Finais do Ensino Fundamental

### Componentes Curriculares: História, Identidade e Memória (Interdisciplinar)

**Introdução:** Esta proposta explora a história de vida de Dona Irandi e a trajetória da Associação Bordando Esperança (Comunidade Roça Nova). É um estudo de caso decolonial que, pautado pela interseccionalidade e confluência de saberes, conecta corpo e território a temas como protagonismo feminino, matrigestão e o resgate cultural através da arte do viver no campo e dos fazeres que contribuem com a cidade.

**Temática:** Tecendo a História: Dona Irandi e as suas Práticas dentro e para além da Associação Bordando Esperança.

**Objetivo Geral:** Valorizar a trajetória de Dona Irandi como liderança rural que inovou ao transitar da produção agrícola para a têxtil artesanal, reconhecendo seus saberes como fontes legítimas de conhecimento para uma educação antirracista e decolonial.

### Objetivos Específicos:

- Identificar a força da mulher na fundação da associação;
- Explorar o conceito de matrigestão nas sociedades africanas e locais;
- Reconhecer o Macramê como documento histórico e forma de resgate cultural;
- Analisar como as identidades de mulher negra, camponesa e artesã se entrelaçam;
- Compreender a confluência entre a trajetória pessoal e a resistência coletiva.

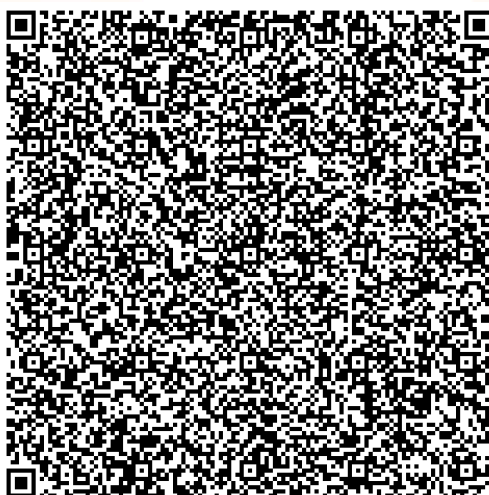
### METODOLOGIA (Carga Horária: aproximadamente 5 h/a + Visita Técnica)

- **ETAPA 1:** A origem da liderança (25 min)
  - Ação: Leitura do Cordel sobre Dona Irandi e textos de apoio (pág. 22-24), ou ver vídeo sobre a Associação (QR Code, pág. 25).
  - Roda de Conversa: Como essa história altera as relações de gênero e raça na comunidade?
- **ETAPA 2:** Contexto e Resistência (35 min)
  - Ação: Trajetória da Associação e a força da mulher no campo (Consultar pág. 25 - 26).
  - Foco: O Macramê como arte ancestral e ato de empoderamento afrodescendente (Consultar pág. 27).
- **ETAPA 3:** Tecendo Conceitos (50 min)
  - Ação: Trabalho em grupos com conceitos-chave (Matrigestão, Antirracismo, etc.).
  - Apoio: Uso da HQ da página 28 para mediar a discussão.

- **ETAPA 4:** Vozes e saberes (50 min)
  - Ação: Debate mediado (20 min) e estudo de excertos sobre Interseccionalidade (30 min), citando autores e incentivando a pesquisa extra-aula.
  - Apoio: Explore o livro “Interseccionalidade” de Carla Akotirene.
  
- **ETAPA 5:** Oficina Criativa (50 a 110 min)
  - Ação: Prática de Macramê e de confecção de pulseiras trançadas.
  - Apoio: Vídeo-aula disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=yXgKcmScV3g\\_](https://www.youtube.com/watch?v=yXgKcmScV3g_)
  
- **ETAPA 6:** Experivivência (Evento/Visita)
  - Ação: Visita à Roça Nova ou convite a Dona Irandi e às bordadeiras para roda de conversa sobre suas histórias de luta e arte.

#### **Dicas de Leitura e Vídeo (Professoes(as) e estudantes)**

- Livro - Heroínas Negras Brasileiras (Jarid Arraes).
- Artigo - Mulherismo Africana (Katiúscia Ribeiro) - Disponível em: <https://www.geledes.org.br/katiuscia-ribeiro-explica-o-mulherismo-africana-proposta-emancipadora/#:~:text=%E2%80%9CO%20mulherismo%20africana%20tem%20uma,seu%20povo%2C%20como%20centros%20vitalis.>
- Livro - A Terra dá, a Terra quer (Nêgo Bispo) - Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8748486/mod\\_resource/content/1/Antonio%20Bispo%20dos%20Santos%20-%20A%20terra%20da%CC%81%2C%20a%20terra%20quer-Ubu%20Editora%20%282023%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8748486/mod_resource/content/1/Antonio%20Bispo%20dos%20Santos%20-%20A%20terra%20da%CC%81%2C%20a%20terra%20quer-Ubu%20Editora%20%282023%29.pdf)
- Vídeo: Matrigestão e Matripotência (Katiúscia Ribeiro e Wanderson Flor Nascimento, 2020) - Acesse através do QR Code indicado abaixo:



# PROPOSTA PEDAGÓGICA:

## Movimento Associativista e resistência local

Recomendação: Anos Finais do Ensino Fundamental

### Componentes Curriculares: História, Identidade e Memória (Interdisciplinar)

**Introdução:** Esta proposta explora a transição do associativismo em Paripiranga: de um modelo inicial (década de 1950) restrito às elites urbanas e interesses econômicos, para um movimento popular e comunitário (pós década de 1980). O foco central é a redemocratização e o fortalecimento da agricultura familiar, onde mulheres e pessoas negras ressignificam essas organizações como espaços de resistência, matrigestão e pertencimento.

**Temática:** O movimento associativista como processo histórico de organização, resistência e construção do pertencimento, com centralidade na atuação das mulheres negras.

**Objetivo Geral:** Compreender o associativismo em Paripiranga como expressão histórica de resistência e organização comunitária, destacando o protagonismo feminino na liderança social.

### Objetivos Específicos:

- Identificar o associativismo como estratégia de enfrentamento às desigualdades;
- Reconhecer mulheres paripiranguenses (Dona Irandi e Dona Sônia) como sujeitos históricos;
- Relacionar o movimento local a contextos políticos nacionais e à memória local;
- Desenvolver consciência histórica a partir da realidade da comunidade.

### Metodologia (Carga Horária: aproximadamente 5 h/a + outras atividades)

- **ETAPA 1:** Roda de Saberes para conhecer o tema (40 min)
  - Ação: Conversa sobre o que é associativismo (associação) e cooperativismo.
  - Apoio: Consultar tese de Antônio Santana Carregosa (2025) - Consultar QR Code ao final desta proposta.
  - Mapeamento: Identificar quais associações existem em Paripiranga e de quais delas familiares dos estudantes participam.
- **ETAPA 2:** Linha do Tempo Coletiva (60 min)
  - Ação: Relacionar o associativismo local a marcos históricos: quilombos, irmandades negras coloniais, sindicatos do século XX e associações femininas atuais.
  - Material: Leitura de trechos do Almanaque (indicação de QR Code de acesso ao assunto no final desta proposta), da HQ (p. 21) e realização de exposição dialogada.
- **ETAPA 3:** Liderança e Matrigestão (50 min)
  - Ação: Análise das trajetórias de Dona Sônia e Dona Irandi nas associações.
  - Conceitos: Discutir liderança, cuidado e a "resistência do cotidiano" exercida por mulheres negras no município.
  - Apoio: Estudo sobre o protagonismo da mulher negra local (Consultar pág. 20).

- **ETAPA 4:** Investigação de Fontes (40 min)
  - Ação: Análise de fontes orais, fotografias de associações trabalhadas e registros comunitários presentes no Almanaque (Consultar pág. 26, 33).
- **ETAPA 5:** Oficina de Sistematização (60 min)
  - Ação: Produção de murais temáticos, mapas sociais das associações ou criação de cordéis e relatos históricos baseados na pesquisa.
  - Encerramento: Reflexão coletiva sobre a importância do associativismo para a manutenção de direitos e o fortalecimento do futuro da comunidade.

**Dica de leitura/Consulta** - *Para aprofundamento dos(as) professores(as):*

- CARREGOSA, Antônio Santana. **O mandonismo local e a política no sertão da Bahia:** o caso do município de Paripiranga. 2015. 254 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

**Orientação:** Focar no Capítulo 04 da tese, que detalha minuciosamente a história do movimento associativista na região. A leitura da obra "Entre padres e coronéis", do mesmo autor, também é essencial para compreender as disputas de poder locais.

Acesse pelo QR Code abaixo:



- **Observação importante:** Para conhecer mais sobre a história do associativismo em Paripiranga, acesse o QR Code abaixo. Encontrará textos e orientações para trabalhar a temática.



## REFERÊNCIAS

ADINKRASYNBOLS. **Adinkra Symbols & Meanings**: a complete guide. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.adinkrasymbols.org/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

AIDAR, Laura. Bell hooks. **eBiografia**, 17 dez. 2021. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/bell\\_hooks/](https://www.ebiografia.com/bell_hooks/). Acesso em: 23 ago. 2025.

ALMANAQUE DO ALUÁ. Rio de Janeiro: Sapé, n. 2, 2006.

ANCESTRALIDADES. Mãe Menininha do Gantois. **Ancestralidades**, 13 abr. 2023. Disponível em: <https://www.ancestralidades.org.br/biografias-e-trajetorias/mae-menininha-do-gantois>. Acesso em: 07 jan. 2026.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA BORDANDO ESPERANÇA. @bordandoesperanca. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CjBr9ERgoAh/>. Acesso em: 13 ago. 2025.

ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES E DAS TRABALHADORAS RURAIS PROFESSORA GERTRUDES MARIA. @Assoc\_Quixaba. X (Twitter). Disponível em: [https://x.com/Assoc\\_Quixaba](https://x.com/Assoc_Quixaba). Acesso em: 14 ago. 2025.

ASSOCIAÇÃO QUIXABA. Associação Quixaba (Blog). Disponível em: <https://associacaoquixaba.blogspot.com/>. Acesso em: 19 set. 2024.

AVIVA. Baiana do acarajé: tradição, cultura e sabor da Bahia. **Aviva**, 8 fev. 2024. Disponível em: <https://www.aviva.com.br/blog/baiana-do-acaraje>. Acesso em: 23 ago. 2025.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARREGOSA, Antônio Santana. **Entre Padres e coronéis**: como as disputas oligárquicas deram forma ao município de Paripiranga. Aracaju: Infographics, 2019.

CARREGOSA, Antônio Santana. **O mandonismo local e a política no sertão da Bahia**: o caso do município de Paripiranga. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6248/1/ANTONIO\\_SANTANA\\_CARREGOSA.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6248/1/ANTONIO_SANTANA_CARREGOSA.pdf). Acesso em: 20 dez. 2025.

CASA SUELI CARNEIRO. Biografia: Sueli Carneiro. **Acervo Sueli Carneiro**, [s. l.], 2013. Disponível em: <https://acervo.casasuelicarneiro.org.br/biografia>. Acesso em: 19 ago. 2025.

CÁTEDRA ANTONIETA DE BARROS. Quem foi Antonieta de Barros. **Cátedra Antonieta de Barros**, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, [s. d.]. Disponível em: <https://catedraantonietaebarros.paginas.ufsc.br/quem-foi/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

COMUNIDADE QUIXABA. Comunidade Quixaba. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/comunidadequixaba/>. Acesso em: 10 out. 2025.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

EUGENIO JR., Amauri. Beatriz Nascimento: a intelectual que colocou o Brasil diante do espelho e propôs mudar a imagem da população negra. **Ancestralidades**, 07 jan. 2026. Disponível em: <https://www.ancestralidades.org.br/noticias/Beatriz-Nascimento-a-intelectual-que-colocou-o-Brasil-diante-do-espelho-e-propos-mudar-a-imagem-da-populacao-negra>. Acesso em: 19 ago. 2025.

FAGUNDES, Elivane Suzart. **Grêmio Social Esportivo Vitória: espaço de sociabilidade da elite paripiranguense (1945-1970)**. Monografia (Licenciatura em História) - UniAGES, Centro Universitário UniAGES, Paripiranga, Bahia, 2019.

FONSECA, Mariana Bracks. **Poderosas Rainhas**. 2. ed. Belo Horizonte: Acentre, 2024.

FREITAS, Michele. A origem do macramê. **Ateliê Michele Freitas**, 24 fev. 2023. Disponível em: <https://www.ateliemichelefreitas.com.br/blog/1305-a-origem-do-macrame>. Acesso em: 19 ago. 2025.

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Lélia Gonzalez. São Paulo: **Geledés**, 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/lelia-gonzalez/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Luiza Mahin: a mulher que virou mito da força negra feminina. **Geledés**, 28 nov. 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/luiza-mahin-a-mulher-que-virou-mito-da-forca-negra-feminina/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Sueli Carneiro. **Geledés**, 14 mar. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sueli-carneiro/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

GOMES, Johnny Pereira. **iEducar: almanaque digital interativo como vetor museal para o ensino de história**. 2024. 160 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.

GUZZO, Morgani. Conceição Evaristo: a escritora negra reconstrói a história brasileira. **Geledés** Instituto da Mulher Negra, 29 jul. 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-escritora-negra-reconstrui-a-historia-brasileira/>. Acesso em: 23 ago. 2025.

HIRSCH, Lorena Araujo. Tereza de Benguela: a escrava que virou rainha e liderou um quilombo de negros e índios. **Biblioteca do CECULT/UFRB**, 25 jul. 2022. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias/220-tereza-de-benguela-a-escrava-que-virou-rainha-e-liderou-um-quilombo-de-negros-e-indios>. Acesso em: 25 de ago. 2025.

HUDSON-WEEMS, Clenora. **Mulherismo Africana: recuperando a nós mesmos**. Tradução: Wanessa Yano. São Paulo: Editora Ananse, 2020.

KOINONIA. Fala Egbé: informativo dirigido às comunidades de terreiros de candomblé. Rio de Janeiro: **KOINONIA**, ano IX, n. 22, set. 2011. Disponível em: <https://koinonia.org.br/wp-content/uploads/2014/08/koinonia-8-falaegbe-n22-ano9-setembro2011.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2026.

MATOS, Josefa Rosania Reis. Memória e história local: conectando as pessoas da comunidade Roça Nova pela escuta e pela escrita de suas histórias. In: CONGRESSO NACIONAL DO PROFHISTÓRIA, 3., 2024. **Anais do III Congresso Nacional do ProfHistória**. Rio de Janeiro: ANPUH/ProfHistória, 2024. Disponível em: <https://www.congresso2024.profhistoria.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2026.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da escravidão negra no Brasil / Clóvis Moura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

MUSSER, Ricarda. A esperança: a leitura e a escrita de e para mulheres em Cabo Verde, 1901. **ex aequo**, n. 39, p. 23-38, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2019.39.02>. Acesso em: 19 ago. 2025.

NGOMANE, Mungi. **Ubuntu todos os dias: eu sou porque nós somos**. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. 2. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2023.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Cultura popular: gestos de ensinar e aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Editora Planeta, 2023.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. **Matrigestão: o útero mítico é a ética do coração nas feminilidades africanas**. 2022. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SANTOS, Ana Patrícia Peixinho Vicente. A mulher de África no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. **Navegações**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 204–207, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/navegacoes/article/view/10183>. Acesso em: 19 ago. 2025.

SANTOS, Andréia Teixeira; LUCINI, Marizete. Decolonialidade, ensino de história e educação das relações étnico-raciais. **Cadernos Cajuína**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. e227205, 2022, p. 11. Disponível em: <https://old.cadernoscajuina.pro.br/index.php/cadcajuina/article/view/577> Acesso em: 23 mar. 2025.

SERPA, Verônica. Tereza de Benguela, a estrategista que liderou o Quilombo do Quariterê. **Alma Preta**, 25 jul. 2025. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/tereza-de-benguela-a-estrategista-que-liderou-o-quilombo-do-quaritere/>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SILVA, Cândido da Costa e. **Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia**. 2. ed. Salvador: Sagga, 2017.


MENEZES, Luana Bárbara. **Sertão Mulher, a saga das Marias: um estudo sobre a mediação cultural no semiárido baiano**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes da Cena) - Escola Superior de Artes Célia Helena. São Paulo: 2023.

TAWANE, Nayá. Guardiãs de sementes: ancestralidade camponesa preserva vida sustentável no planeta. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/03/05/guardias-de-sementes-ancestralidade-camponesa-preserva-vida-sustentavel-no-planeta/>. Acesso em: 02 ago. 2025.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. Almanagues: história, contribuições e esquecimento. **Dialogus**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, 2008. Disponível em: [http://unimaua.br/comunicacao/publicacoes/dialogus/2008/pdf/almanagues\\_historia\\_contribuicoes\\_esquecimento\\_2008.pdf](http://unimaua.br/comunicacao/publicacoes/dialogus/2008/pdf/almanagues_historia_contribuicoes_esquecimento_2008.pdf). Acesso em: 28 jan. 2026.

WIKIFAVELAS. Carolina Maria de Jesus. **Dicionário de Favelas Marielle Franco**, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Carolina\\_Maria\\_de\\_Jesus](https://wikifavelas.com.br/index.php/Carolina_Maria_de_Jesus). Acesso em: 18 jan. 2026.

WIKIPÉDIA, Macramé. **Wikipédia: a enciclopédia livre**, [s. d.]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Macram%C3%A9>. Acesso em: 19 ago. 2025.



**Nós, mulheres, somos raízes que sustentam e ventos  
que impulsionam.  
Carregamos na memória as marcas da resistência e, nos  
passos, a coragem de seguir.  
Olhamos para o futuro sem esquecer os caminhos que  
nos trouxeram até aqui.  
Caminhamos juntas, estendendo as mãos umas às  
outras.  
Sendo inspiração para mulheres que virão depois de  
nós.  
Porque nossa força floresce na coletividade, na partilha  
e no cuidado.  
E é assim que seguimos: re-existindo, transformando e  
abrindo caminhos para outras mulheres.**

**A autora**